

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE QUÍMICA

GABRIELA FERREIRA RITTER

**ESTUDO SOBRE AS CONDIÇÕES DE PERMANÊNCIA NO CURSO DE
LICENCIATURA EM QUÍMICA NA UFRGS**

Porto Alegre, 2014.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

INSTITUTO DE QUÍMICA

GABRIELA FERREIRA RITTER

**ESTUDO SOBRE AS CONDIÇÕES DE PERMANÊNCIA NO CURSO DE
LICENCIATURA EM QUÍMICA NA UFRGS**

Trabalho de conclusão apresentado junto à atividade de ensino “Seminários de Estágio” do Curso de Química, como requisito parcial para a obtenção do grau de Licenciado em Química

Orientadora

Profa. Dra. Tania Denise Miskinis Salgado

Porto Alegre, 2014.

*Dedico este trabalho aos amores da minha vida:
minha mãe (dona Vera), meu amado irmão
e meu namorado que estiveram presentes em
todos os momentos.*

Primeiramente sou grata a Deus pelo sopro de vida que Ele me concedeu, dando-me quando da minha criação a oportunidade de escolher o rumo que meus pés seguiriam ao longo de toda esta trajetória que chamamos de vida.

Agradecer, sempre, ao meu irmão que me apoiou e me deu inúmeras dicas de matemática, dicas estas fundamentais para concluir as benditas disciplinas de cálculo. Mas não foi, com certeza, apenas na matemática que este cara bacana me ajudou, com ele aprendi a não me deixar levar por palavras bonitas, mas mentirosas oferecidas neste mundo. Com ele aprendi a dividir e principalmente a cuidar dos que amamos, pois com seu enorme coração sempre esteve disposto a ajudar a todos, mesmo que desconhecidos.

À minha mãe devo todas as palavras de agradecimento possíveis, pois sem a ajuda desta mulher incrivelmente batalhadora eu não teria chegado até aqui. Com ela aprendi a amar e a ser amorosa, mesmo que esse meu rude coração muitas vezes se esqueça de amar e de mandar lembranças àqueles que amo.

Não posso esquecer, é claro, de agradecer ao homem maravilhoso que tenho ao meu lado, pois mesmo estando longe sempre esteve perto e me ajudando em qualquer decisão, ouvindo minhas lamúrias pós provas e principalmente pelo apoio ao longo do processo de escrita deste trabalho de conclusão de curso.

Meus mais sinceros agradecimentos a minha querida professora e orientadora Tania Salgado que partilhou comigo seus conhecimentos e leu, com toda a paciência, todos os arquivos enviados, me ajudou a organizar as ideias nos momentos em que eu estava mais perdida e principalmente por dizer, com toda a delicadeza habitual dela, o quanto algumas coisas que eu havia escrito estavam péssimas.

Agradeço também a todas as pessoas que cruzaram meu caminho durante estes meus 25 anos de existência, pois cada um deixou um aprendizado que moldou meu jeito de ser e me transformou em quem sou hoje.

*“... estava sendo feliz para sempre, até que descobriu
que a felicidade muda de significado várias vezes
durante o percurso de uma vida.”
(Marta Medeiros em Non-Stop)*

RESUMO

Este trabalho consiste em analisar as condições de permanência dos estudantes no curso de Licenciatura em Química da Universidade Federal do Rio Grande do Sul a fim de promover uma reflexão sobre esta temática, para isto foi realizado primeiramente um levantamento de dados junto à Comissão de Graduação do Instituto de Química a fim de selecionar a amostra a ser pesquisada através dos dados, como o e-mail, fornecidos dos ingressantes a partir de 2005 no referido curso. A esses estudantes foi enviado, por e-mail, um questionário onde foram realizadas perguntas com o intuito de conhecer o perfil deste estudante como idade, situação socioeconômica e de moradia, outras perguntas para a análise da estrutura da universidade quanto as salas de aula, laboratórios, horário de funcionamento da biblioteca bem como a acessibilidade do campus vale e opiniões referentes às disciplinas cursadas e às percepções dos estudantes com relação ao curso. É possível perceber que o curso apresenta um alto índice de retenção, que a maioria dos estudantes possui alguma atividade remunerada tanto fora da Universidade em empregos formais quanto em bolsas de trabalho (iniciação científica ou à docência). Nas questões abertas os respondentes puderam expressar suas opiniões com relação ao curso, às disciplinas e a relação do aluno com a UFRGS e neste momento alguns pontos fracos e fortes foram relatados, sendo um ponto fraco a relação do curso com a carreira docente e o forte a estrutura do Campus do Vale para o atendimento das necessidades do curso.

Palavras chave: condições de permanência, Licenciatura em Química, perfil do aluno.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 – DISTRIBUIÇÃO, DOS PESQUISADOS, POR FAIXA ETÁRIA.	25
FIGURA 2 - DADOS OBTIDOS COM RELAÇÃO À SERIAÇÃO.	27
FIGURA 3 - REPRESENTAÇÃO DOS DADOS OBTIDOS QUANTO À PARTICIPAÇÃO EM ATIVIDADES REMUNERADAS.	28
FIGURA 4 - DADOS OBTIDOS SOBRE A POSSIBILIDADE DE CONCILIAR TRABALHO COM O CURSO DE GRADUAÇÃO. ...	28
FIGURA 5 - TURNO DE REALIZAÇÃO DA MAIORIA DOS CRÉDITOS QUE COMPÕEM O CURSO DE LICENCIATURA EM QUÍMICA.	29
FIGURA 6 – RELAÇÃO DE DADOS OBTIDOS QUANDO OS ALUNOS FORAM QUESTIONADOS SOBRE CURSAR DISCIPLINAS NO ÚLTIMO HORÁRIO DA NOITE.	30
FIGURA 7 - PREFERÊNCIA, APRESENTADA PELOS ALUNOS, PARA O HORÁRIO DOS HORÁRIOS DAS DISCIPLINAS DO TURNO DA NOITE.	31
FIGURA 8 – RECEBIMENTO DE AUXÍLIO FINANCEIRO OFERECIDOS PELA UFRGS.	32
FIGURA 9 - DADOS OBTIDOS PARA A QUESTÃO QUE RETRATA A SITUAÇÃO DE MORADIA DOS DISCENTES AO LONGO DA GRADUAÇÃO.	32
FIGURA 10 - DADOS OBTIDOS QUANDO DO QUESTIONAMENTO SOBRE O TEMPO DE LOCOMOÇÃO DO ESTUDANTE ATÉ A UNIVERSIDADE.	33
FIGURA 11 - RESUMO DAS RESPOSTAS OBTIDAS PARA A QUESTÃO ENVOLVENDO O QUANTO O TEMPO DE LOCOMOÇÃO AFETA O RENDIMENTO DO ESTUDANTE AO LONGO DA GRADUAÇÃO.	34
FIGURA 12 - RELAÇÃO DOS DADOS OBTIDOS SOBRE A OPINIÃO DOS ALUNOS E EX-ALUNOS SOBRE A DISPONIBILIDADE DE LINHAS E HORÁRIOS DOS ÔNIBUS.	34
FIGURA 13 – AVALIAÇÃO DA ESTRUTURA DOS LABORATÓRIOS DO INSTITUTO DE QUÍMICA DA UFRGS.	36
FIGURA 14 – DADOS OBTIDOS QUANDO DA AVALIAÇÃO DOS ALUNOS SOBRE O HORÁRIO DE FUNCIONAMENTO DA BIBLIOTECA.	38
FIGURA 15 – RESULTADO DA AVALIAÇÃO REALIZADAS PELOS RESPONDENTES SOBRE A ESTRUTURA DAS SALAS DE AULA.	39
FIGURA 16 – AVALIAÇÃO REALIZADA PELOS ALUNOS REFERENTE À ACESSIBILIDADE DO CAMPUS DO VALE.	41

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	9
2 OBJETIVO	11
3 REVISÃO DA LITERATURA	12
3.1 <i>Diretrizes Curriculares Nacionais para os Cursos de Química</i>	20
3.1.1 <i>Diretrizes Curriculares Nacionais conforme Parecer CNE/CES 1.303/2001</i>	20
3.1.2 <i>Diretrizes Curriculares Nacionais para os cursos de formação de professores, conforme a Resolução CNE/CP 1, de 18 de fevereiro de 2002.</i>	21
3.1.3 <i>Distribuição da carga horária do curso de Licenciatura em Química conforme a Resolução CNE/CP 2, de 19 de fevereiro de 2002.</i>	22
4 METODOLOGIA	23
4 RESULTADOS E DISCUSSÃO	25
4.1 <i>Estudantes no mercado de trabalho</i>	26
4.2 <i>Horário das disciplinas</i>	29
4.3 <i>Assistência estudantil</i>	31
4.4 <i>Infraestrutura da Universidade (Campus do Vale)</i>	35
4.5 <i>Percepção do aluno em relação ao curso:</i>	42
5 CONCLUSÃO	52
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	54
APÊNDICE	56

1 INTRODUÇÃO

A Educação Superior, durante muitos anos, foi considerada inatingível para os desfavorecidos economicamente. Os filhos de famílias com pouca instrução e baixa renda imaginavam que seu sonho de estudar em uma universidade, tanto pública – pela dificuldade de acesso – como privada – pelos altos custos das mensalidades–, era impossível de ser realizado. Imaginar essa situação nos dias atuais parece algo surreal, pois neste momento há uma busca incansável pela igualdade de acesso, ou seja, reservar vagas para aqueles que infelizmente não tiveram oportunidade de ter uma Educação Básica de qualidade. Essa reserva está em conformidade com o princípio da igualdade que está contido nas sábias palavras de Rui Barbosa¹, provavelmente inspirado no filósofo Aristóteles, nas quais fica claro que precisamos tratar desigualmente os desiguais na medida da sua desigualdade para que estes desiguais possam ter condições igualitárias de acesso.

Pensar em igualdade é pensar em oportunidades equivalentes. Um estudante empobrecido não tem, com certeza, a mesma condição de estudo que outro economicamente mais abastado. Enquanto para um o Ensino Superior é visto e entendido como algo natural, para o outro chegar a esta etapa é uma vitória. Enquanto um pode apenas estudar o outro precisa dividir o tempo disponível em sua semana entre aulas e horas e horas de estudo que são fundamentais, para a maioria dos alunos, ao aprendizado e à aprovação com uma rotina de trabalho fora da Universidade. Sob a perspectiva do tempo disponível é possível perceber que os dois estudantes citados não são iguais e têm necessidades diferentes para garantir sua permanência em cursos de graduação.

E pensando em permanência é fundamental a reflexão sobre as condições oferecidas pela UFRGS aos estudantes do curso de Licenciatura em Química. Uma reflexão consistente só é possível quando se conhece o ser sobre o qual se está refletindo e para conhecer é preciso dar voz ao sujeito, que neste caso são os alunos do referido curso. E é para ouvir as necessidades e entender as perspectivas e frustrações destes que propomos esta pesquisa. Ela foi realizada por meio de um questionário pré-estruturado com questões abertas e fechadas que visam à construção do perfil dos discentes, pois precisamos saber quem são eles, como veem seu futuro profissional, como se sentem dentro do curso, quais dificuldades encontram e o que os faz continuar na Universidade.

Existem, em muitas Universidades Federais brasileiras, estudos que buscam compreender o que leva um estudante de nível superior que escolheu entre inúmeras possibilidades de curso e de universidades a desistir da escolha feita, evadindo do curso. E vários são os motivos alegados por estes ex-alunos: dificuldade nas disciplinas, não conseguem conciliar trabalho e estudos, falta de condições financeiras e desagrado com o curso escolhido. Mas, pelo levantamento de dados realizado em sites e documentos, pouco se tem buscando compreender os fatores que favorecem a continuidade dos estudos.

Não é apenas em nível nacional que esta preocupação é demonstrada. O Instituto de Química da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) através da Comgrad/QUI possui o Projeto de Acompanhamento Longitudinal de Formação Acadêmica (ALFA) para os graduandos da Química nas suas diferentes habilitações. Este projeto objetiva traçar o perfil dos estudantes através da coleta de dados e o desenvolvimento de metodologias para o entendimento e reflexão dos cursos de química desta universidade.

Esse estudo se justificava, pois uma pesquisa realizada, em âmbito nacional, pela Comissão Especial de Estudos sobre a Evasão nas Universidades Públicas Brasileiras, instituída em 1995, e pela Secretaria da Educação Superior do Ministério de Educação e Desportos - SeSu/ MEC buscava, em 1996, quantificar o número de estudantes que evadiam por curso e quantos se diplomavam. O curso de Licenciatura em Química, na média nacional entre universidades públicas, obteve, para os 1160 que ingressaram no curso, uma taxa de aproximadamente 15,95% de diplomações, 9,22% de retenção e 74,83% de evasão. Com isso a Licenciatura em Química apresenta uma taxa de diplomação, muitas vezes, mais baixa quando a comparamos a outros cursos de graduação, tanto licenciatura de outras áreas como bacharelado em geral. Então é urgente que se busque mecanismos de ação para favorecer a permanência destes estudantes nas universidades, para que futuramente o problema da falta professores de química não seja ainda mais grave.

2 OBJETIVO

Este Trabalho de Conclusão de Curso tem como objetivo investigar as condições que favorecem ou dificultam a permanência do estudante no Ensino Superior, mais precisamente, na Licenciatura em Química da UFRGS. Procura-se investigar a faixa etária, sexo, situação econômica e a opinião destes sujeitos sobre temas como a motivação para escolha da carreira profissional, condições oferecidas pela universidade com relação à infraestrutura e acessibilidade do campus, expectativas sobre o curso e quanto este tem preparado os discentes para o trabalho em escolas de Ensino Médio. Busca-se também analisar suas impressões sobre a habilitação que estão cursando e como isso influencia a continuação e a conclusão dos estudos na graduação.

Esse entendimento dos aspectos envolvidos na vida acadêmica possibilita uma discussão e reflexão sobre as condições de estudo do graduando para, assim, contribuir para a proposição de metodologias que venham estimular o discente a permanecer no curso escolhido quando do vestibular.

3 REVISÃO DA LITERATURA

A permanência é, segundo Araújo², caracterizada como a manutenção do estudante ao longo do curso, com vistas ao término no tempo devido para a integralização dos créditos. Em outras palavras é o tempo que o graduando está inserido no curso de Ensino Superior escolhido. Este autor faz um levantamento de dados sobre pesquisas publicadas em periódicos da área de educação sobre o tema permanência dos estudantes no nível superior de ensino. Ao realizar este estudo percebe a pequena quantidade de investigações realizadas sobre esta temática, revelando a não existência de políticas eficazes de permanência para os estudantes e o pouco interesse, aparente, pelo tema, sendo muito mais comuns os estudos sobre índices de evasão e suas causas.

Nesta pesquisa a autora (ARAÚJO²) selecionou algumas publicações para análise. Ao analisar estes documentos foi possível constatar a apresentação do tema apenas através de estudos de casos, dentro de instituições de Ensino Superior específicas, não trazendo dados empíricos nem sistematizações estatísticas que permitam identificar a taxa de permanência. Na tentativa de sanar tal deficiência de dados, o Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep), a partir do ano base 2009, iniciou a realização de um censo do ensino superior individual por CPF, comenta a autora. Esse censo faz parte das medidas de efetivação das políticas públicas do Estado brasileiro, especialmente do Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (Reuni), que tem *“o objetivo de criar condições para a ampliação do acesso e permanência na educação superior, no nível de graduação, pelo melhor aproveitamento da estrutura física e de recursos humanos existentes nas universidades federais”* (BRASIL³).

A educação é, segundo Silveira⁴, *“um mecanismo emancipatório e fundamental para o exercício da cidadania (...) e objetiva a formação de sujeitos capazes de pensarem por si próprios e de, através do acesso à educação, mudarem seus destinos”*. As políticas de ações afirmativas como: a reserva de vagas oferecidas no vestibular, pré-vestibular gratuito para o ingresso de estudantes oriundos da rede pública de ensino e negros de baixa de renda têm modificado o perfil dos discentes das universidades federais. Com essa mudança faz-se necessária a criação/ampliação da assistência estudantil, que é uma política social aplicada à educação e que visa promover a minimização das desigualdades sociais (igualdade de oportunidades) com a criação de mecanismos que promovam a permanência e possibilitem condições adequadas para que o aluno possa concluir o ensino superior de forma satisfatória.

Desde a Constituição de 1934 a Educação é entendida como um direito do cidadão brasileiro. Como ressalta o artigo 157, parágrafo 2º da Constituição da República dos Estados Unidos do Brasil de 1934⁵:

Parte dos mesmos fundos (fundo de educação) se aplicará em auxílios a alunos necessitados, mediante fornecimento gratuito de material escolar, bolsas de estudo, assistência alimentar, dentária e médica, e para vilegiaturas. (BRASIL⁵).

Ao longo da história podemos observar que as legislações foram dando cada vez mais destaque à educação como um direito, bem como a garantia de condições de acesso igualitário a todas as populações.

Com a aprovação da Constituição Federal, em 1988, os direitos sociais são regulamentados no artigo 6º: “São direitos sociais a educação, a saúde, a alimentação, o trabalho, a moradia, o lazer, a segurança, a previdência social, a proteção à maternidade e à infância, a assistência aos desamparados, na forma desta Constituição” (BRASIL⁶). A educação, como parte destes, é entendida como um direito de todos e dever do Estado de provê-la. Na mesma época (1987), registra-se a criação do Fórum Nacional de Pró-Reitores de Assuntos Comunitários e Estudantis – FONAPRACE, importante grupo de fortalecimento, reivindicação e consolidação de políticas de assistência estudantil nas universidades.

O FONAPRACE desde sua criação vem realizando pesquisas para conhecer o perfil do estudante das universidades federais brasileiras. A partir dos resultados dessas pesquisas e da percepção sobre a importância de se ter políticas de assistência estudantil nas universidades foi elaborado um Plano Nacional de Assistência Estudantil (PNAES), aprovado pelo Ministério da Educação (MEC) através da Portaria Normativa nº 39, de 12 de dezembro de 2007 (MEC⁷). Este tinha como objetivo apresentar diretrizes norteadoras para a definição de programas e projetos de assistência estudantil. A partir do ano de 2008, as instituições federais passaram a ser beneficiadas com recursos específicos para implementar as ações de assistência estudantil. Dentre as ações que devem ser desenvolvidas no ramo da assistência estudantil estão: moradia estudantil, alimentação, transporte, atenção à saúde, inclusão digital, cultura, esporte, creche, apoio pedagógico e acesso a universidade, participação e aprendizagem de estudantes com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento, altas habilidades e superdotação.

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB⁸), de 1996, traz em seu texto a assistência estudantil vinculada a uma forma de ofertar igualdade de oportunidade a todos. Sendo esta tarefa um dever do Estado e um direito do estudante.

O direito à educação e à assistência está regulamentado na legislação atual, mas de acordo com Bobbio (1992, *apud* SILVEIRA⁴), “*o problema grave de nosso tempo, com relação aos direitos do homem, não é mais o de regulamentação, mas, sim, o de proteção, pois apesar de haver toda uma legislação que delibere sobre os direitos, estes nem sempre são respeitados*”. Para proteger e concretizar os direitos do cidadão faz-se necessária a criação de uma política pública que é entendida por Pereira como uma forma de

[...] concretizar direitos sociais conquistados pela sociedade e incorporados nas leis. Ou melhor, os direitos sociais declarados e garantidos nas leis, são, de regra, conquistas da sociedade e só têm aplicabilidade por meio de políticas públicas, as quais, por sua vez, operacionalizam-se por meio de programas, projetos e serviços. PEREIRA (2008, *apud* SILVEIRA⁴)

Muito dos estudos realizados sobre a temática das condições de permanência no ensino superior estão ligados aos estudantes oriundos de escolas públicas que ingressaram em universidades públicas. Existe uma grande preocupação com a criação de mecanismos que assegurem a permanência e conclusão do ensino superior com qualidade. Entre esses estudos, podemos citar: “*Do acesso à permanência no ensino superior: percursos de estudantes universitários de camadas populares*” (ZAGO⁹); “*Do acesso à permanência: um estudo sobre a inserção dos estudantes do Conexões de Saberes*” (SILVA; FERREIRA¹⁰); “*Desafios do ensino superior para estudantes de escola pública: um estudo na UFLA*” (ALVARENGA; SALES¹¹); “*Desigualdade de acesso e permanência na universidade: trajetórias escolares de estudantes de classes populares*” (PEREIRA; PASSOS¹²)

Nadir Zago⁹ traz em sua pesquisa uma perspectiva do estudo das classes populares dentro dos cursos de nível superior e o quanto a situação financeira pode interferir na vida acadêmica destes estudantes, diferenciando tal situação em cursos menos elitistas (que apresentam menor relação candidato/vaga no vestibular) e aqueles considerados mais elitizados. Tal distinção é possível, pois segundo estudo realizado pela autora os egressos vindos de classes populares não se aventuram em cursos mais concorridos e consideram-se incapazes de concorrer, de forma igualitária, com estudantes de escolas privadas.

A educação é encarada como uma forma de romper com o senso comum de que pobreza gera pobreza. Os estudantes encaram a entrada no ensino superior como uma forma

de ter maiores possibilidades profissionais futuras. A autora coloca que a entrada dos estudantes no Ensino Superior não caracteriza um “sucesso escolar”, visto que, pois muitos, mesmo após a entrada na universidade, não conseguem participar efetivamente da vida acadêmica e passam a não se enxergar como parte do deste contexto, como se aquele não fosse lugar para eles.

Uma efetiva democratização da educação requer certamente políticas para a ampliação do acesso e fortalecimento do ensino público, em todos os seus níveis, mas requer também políticas voltadas para a permanência dos estudantes no sistema educacional de ensino [...]. Não basta ter acesso ao ensino superior, mesmo sendo público, conforme indicam os resultados da pesquisa que realizei. Assim, torna-se redutor considerar indiscriminadamente os casos de estudantes que têm acesso ao ensino superior como de ‘sucesso escolar’ (ZAGO⁹).

A pesquisa de Zago foi realizada em duas etapas nos anos de 2001 a 2003 na Universidade Federal de Santa Catarina. A primeira etapa, realizada em 2001, teve como objetivo conhecer o perfil socioeconômico, social e cultural dos estudantes que ingressaram no vestibular nesse ano. Na etapa o estudo foi realizado com 27 estudantes de baixa renda e a ideia era conhecer as condições de permanência no ensino superior, identificando as estratégias e investimentos realizados para a permanência destes estudantes. Para estes jovens o ingresso na universidade não tem nada de natural, ao contrário do que aponta uma pesquisa realizada por Silva (2003, *apud* ZAGO⁹), na qual jovens de classe média veem a educação superior como algo inevitável e natural. A pesquisa apontou também que os estudantes dessa classe nem sequer têm acesso a informações referentes a vestibulares e forma de ingresso, desistindo de entrar no nível superior antes mesmo de prestar vestibular.

Outro dado importante levantado por Zago é a dificuldade encontrada por alunos nos primeiros semestres do curso. Essa dificuldade é atribuída à falta de preparo dos conhecimentos no Ensino Médio. Gouveia (1960, *apud* ZAGO⁹) afirma que “qualquer tentativa de democratização do ensino superior será inócua enquanto persistirem as desigualdades existentes nos níveis anteriores, primário e secundário”.

Silva e Ferreira¹⁰ realizaram uma pesquisa, na Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) com oito bolsistas do Programa Conexões de Saberes. Esse programa é promovido pelo Ministério da Educação para atender estudantes de baixa renda e visa possibilitar, a jovens universitários, o desenvolvimento da capacidade de produção de conhecimentos científicos e ampliar sua capacidade de intervenção em seu território de origem, oferecendo

apoio metodológico e financeiro para a realização de estudos continuados sobre a estrutura das universidades e as demandas dos estudantes de baixa renda. A partir destes estudos os bolsistas devem propor medidas que criem condições para um maior acesso e permanência de estudantes no ensino superior. A pesquisa visava conhecer os fatores que influenciaram estudantes de classes populares a prolongar sua vida escolar adentrando no ensino superior. Para isso foram realizadas entrevistas semiestruturadas individuais com os bolsistas do Programa.

Segundo Porte (2000, *apud* SILVA; FERREIRA¹⁰) o estudante é reduzido a variáveis, como origem social e resultados escolares, sem dar conta da atividade real desenvolvida por estes autores (estudantes), dentro e fora dos estabelecimentos de ensino. O ingressar em uma universidade não é apenas uma questão de querer, como propõe o senso comum. Essa ideia, para Silva e Ferreira, pretende, apenas, tirar a responsabilidade daqueles que deveriam oferecer uma educação de qualidade e culpabiliza os jovens pelo seu não ingresso em uma universidade: “*não estudou porque não quis, não gostava de estudar*”. Para BOURDIEU (2008, *apud* SILVA; FERREIRA¹⁰) considerar somente o resultado final, sem revelar o processo, implicaria legitimar as desigualdades sociais que atuaram durante todo o período de escolarização.

Os autores propõem alguns fatores que influenciaram a busca pelo acesso ao Ensino Superior como o êxito escolar e o incentivo dados por professores, amigos e familiares que já haviam cursado esse nível de ensino, mas após a entrada existem algumas dificuldades com as quais os estudantes de escola pública se deparam: déficits na aprendizagem – falta de conhecimentos que são pré-requisitos para o entendimento de alguns conceitos, dificuldade financeira, fazendo com que alguns comecem a trabalhar, diferença social e cultural em relação aos colegas de classes mais abastadas e o sentimento de exclusão. Combater tais dificuldades é o que se configura em busca de ações para garantir a permanência dos estudantes no nível superior de ensino.

O texto escrito por Pereira e Passos¹², com título “Desigualdade de acesso e permanência na universidade: trajetórias escolares de estudantes de classes populares” aborda as desigualdades enfrentadas por estudantes de classes populares em relação a classes mais abastadas econômica e culturalmente da Universidade Federal do Piauí. Para dar conta do tema levantado a autora se valeu de uma entrevista semiestruturada com estudantes do curso de serviço social.

O foco desta pesquisa é bem parecido com o tema pesquisado por Silva – texto citado anteriormente. Percebe-se a crescente necessidade de investigar a entrada, nas universidades, de estudantes empobrecidos. Para BOURDIEU (1960, *apud* PEREIRA; PASSOS¹²) “as desigualdades escolares resultam de desigualdades sociais”, em que o sistema de ensino opera sobre o estudante uma seleção natural, no qual aqueles que apresentam melhores condições estão mais aptos a obter sucesso nos processos de seleção escolar, entrando, assim, na universidade com maior facilidade. E mesmo após a inserção, os estudantes de baixa renda continuam sendo marginalizados, pois não têm condições financeiras de adquirir os livros ou outros materiais necessários para os estudos, apresentando dificuldade de cumprir as atividades acadêmicas solicitadas, conforme argumenta uma das estudantes de serviço social entrevistada pela autora deste artigo.

A autora coloca ainda que o Sistema Educacional Brasileiro é excludente e marcado por uma inversão na representatividade da população, pois enquanto os mais ricos (mais de 10 salários mínimos per capita) são apenas 6% da população, na universidade eles são mais 54%. E esse domínio é histórico, pois desde 1808 quem domina esse nível de ensino são os mais abastados financeiramente. As dificuldades enfrentadas ao longo da graduação por estudantes de classes populares são enormes e mostram um abismo entre o mundo em que viviam antes de ingressar e o novo mundo que estão vivenciando quando do acesso. Esses alunos se deparam com o sentimento de não pertencimento àquele grupo e sentem que nunca conseguirão participar ativamente da vida acadêmica, porque não fazem parte daquele grupo, julgam-se inferior àqueles que possuem maior poder aquisitivo e cultural. Os alunos entrevistados oriundos das regiões rurais disseram ter grande dificuldade com a linguagem exigida neste nível de ensino e isso é um choque para a grande maioria destes alunos. O êxito na realização das atividades escolares, de acordo com Bourdieu

*(...) depende da posse de competências linguísticas e culturais relacionadas à herança cultural do estudante (domínio do código linguístico, habilidades de comunicação e escrita, capacidade de fazer análises e atribuir significações) devida à escola e, principalmente, ao meio familiar. O sistema de ensino organiza-se em torno do capital cultural, de modo que estarão mais aptos a responderem a seus requerimentos os educandos que dispõem de maior volume de propriedades culturais. BOURDIEU (2006, *apud* PEREIRA; PASSOS¹²).*

Os alunos que possuem alguma atividade remunerada fora do ambiente acadêmico afirmam que o trabalho dificulta a realização das atividades exigidas pela universidade, pois não têm tempo para fazer todas as leituras que deveriam. Já aqueles estudantes que

conseguem garantir renda através de bolsas realizadas dentro da universidade, segundo os autores, apresentam menores dificuldades em relação aos estudantes que trabalham fora da universidade.

Na pesquisa realizada por Alvarenga e Sales¹¹¹ com estudantes do curso de Administração da Universidade Federal de Lavras – Rio de Janeiro, podemos observar, nas respostas dos estudantes, a grande dificuldade de acesso à universidade dos integrantes de classes economicamente desfavorecidas e oriundos de escolas públicas. Para estes estudantes as escolas por onde passaram não os preparou para o ingresso na universidade, pois os professores eram pouco exigentes e na maioria das vezes faltavam professores. Essas instituições de Ensino Médio Público não fornecem nem mesmo informações sobre os vestibulares de Instituições de Ensino Superior (IES) públicas.

Depois que estes estudantes ingressam na Universidade, eles conseguem obter desempenho muito próximo ou muitas vezes superior àqueles que estudaram na rede privada de ensino, mas mesmo assim continuam enfrentando dificuldades para permanecer no curso, visto que a baixa condição financeira continua sendo uma barreira à participação efetiva na vida acadêmica. Com isso percebe-se a grande necessidade do oferecimento de bolsas que auxiliem esses discentes a se manterem com qualidade dentro da instituição.

Como podemos observar nos textos descritos, há uma preocupação, quase que exclusivamente com as classes populares no ensino superior, mas não vemos muitas pesquisas sobre fatores que podem desfavorecer a permanência de estudantes de qualquer classe social neste nível de ensino. Não há muitas discussões acerca das dificuldades encontradas por discentes ao longo dos cursos devido à estrutura da universidade e às metodologias de ensino ofertadas por estas instituições de ensino.

Este problema está presente e é nítido no curso de Licenciatura em Química da UFRGS. As disciplinas do primeiro semestre – Cálculo, Física e Química Geral Teórica, por exemplo - apresentam altos índices de reprovação, ocasionando retenção e possíveis desistências do curso. Pensando nisso a UFRGS vem realizando desde 2010 um Programa de Apoio à Graduação (PAG¹³), proposto pela Pró-Reitoria de Graduação (PROGRAD) e desenvolvido no âmbito do programa Reuni. Este tem por objetivo a qualificação dos cursos de graduação e está dividido em três projetos: PAG 1, PAG 2 e PAG 3, cada um deles com uma proposta de atuação.

- ✚ O PAG 1: teve início em maio de 2010 e se estendeu até julho de 2011 envolvendo os Cursos de Arquivologia, Biblioteconomia, Ciência da Computação, Engenharia da Computação, Engenharia de Alimentos, Engenharia Elétrica, Medicina Veterinária, Nutrição e Psicologia, apoiando ações de estudo sobre retenção e evasão nos cursos de graduação, diagnosticando problemas e propondo ações para superação destes dentro de cada curso, com a participação das comissões de graduação. Essa reflexão contou com duas atividades coletivas: um Seminário em maio de 2010, com apresentação das propostas e busca da construção de instrumentos comuns de trabalho, e um seminário para compartilhar resultados, em julho de 2011.
- ✚ PAG 2: esse é um projeto que visa ajudar o estudante com dificuldade em disciplinas básicas do curso. Para isso são oferecidas, desde 2010/1, aulas de reforço gratuita nas disciplinas de cálculo, física, química, português, inglês, e produção de textos acadêmicos e científicos. Essas aulas ocorrem nos sábados pela manhã e à tarde.
- ✚ PAG 3: iniciou suas atividades de 2012 e tem como tema “Inovações Pedagógicas em Disciplinas Presenciais”. Este projeto tem por objetivo apoiar ações de aperfeiçoamento pedagógico, propondo mudanças metodológicas das disciplinas que apresentam altos índices de reprovação, contribuindo para a diminuição da retenção e evasão, principalmente nos cursos de exatas.

Em extensão à proposta de acompanhamento discente, dentro do Instituto de Química da UFRGS, há o projeto de Acompanhamento Longitudinal de Formação Acadêmica (ALFA¹⁴), coordenado pelo Técnico em Assuntos Educacionais Ricardo Strack, tendo como objetivo central *”traçar um perfil da dinâmica dos indicadores dos discentes dos cursos coordenados pela Comissão de Graduação do Instituto de Química”*. Iniciou em 2011 com a proposta de acompanhamento e atendimento aos estudantes de graduação da química, primeiramente com os cursos noturnos (licenciatura e industrial). O projeto possui três eixos fundamentais para o acompanhamento dos estudantes: ingressantes, durante a formação e egressos. A cada novo ano é preparado um relatório com informações referentes à situação geral do curso, com ingressos, abandonos, trocas e demais informações relevantes.

Enquanto o PAG busca minimizar dificuldades enfrentadas pelos alunos ao longo do curso, com medidas voltadas para o seu melhor aprendizado, a PROGRAD em conjunto com a Faculdade de Educação (FACED) e a Secretaria de Educação a Distância (SEAD) vem

realizando o Programa de Atividades de Aperfeiçoamento Pedagógico (PAAP) atendendo ao determinado pela Resolução N° 01/94¹⁵ do Conselho de Coordenação do Ensino, da Pesquisa e da Extensão, regulamentado pela Instrução Normativa N°. 002/2010, que visa proporcionar aos docentes da Universidade, principalmente aqueles que recém ingressaram e estão em estágio probatório e aos que ficaram longos períodos afastados de suas atividades acadêmicas, através de discussões, a formação continuada para atualização didática e metodológica, buscando a revalorização do seu fazer acadêmico e estimulando a produção científica resultante desse exercício. Esse tipo de programa é de extrema importância, pois auxilia no aprimoramento do ensino e, com certeza, traz retorno positivo para a sala de aula e isso promove um maior aprendizado tanto para os alunos como para os professores.

3.1 Diretrizes Curriculares Nacionais para os Cursos de Química

3.1.1 Diretrizes Curriculares Nacionais conforme Parecer CNE/CES 1.303/2001

A possibilidade de ação da Universidade, devido a sua amplitude e organização, resulta do modelo de país e as políticas educacionais adotadas. O mundo é dinâmico, as pessoas e as formas de pensar mudam rapidamente e a educação precisa acompanhar estas mudanças para inserir-se neste contexto e ser um agente transformador para a construção de um novo país.

Segundo este documento os currículos vigentes, até o momento da sua publicação, nas Instituições de Ensino Superior estão ultrapassados e carregados de conteúdos informativos em detrimento dos formativos. O estudante já sai da Universidade desatualizado. Pensando nisso faz-se necessário a criação de um novo modelo de ensino no qual o professor seja capaz de ensinar o estudante a aprender e não um simples transmissor de informações para uma formação mais abrangente do sujeito. O currículo precisa dar autonomia ao alunos para que estes possam buscar, ao longo de sua formação, mecanismos para satisfazer seu ímpeto curioso, pensando em uma conclusão não apenas através da integralização dos créditos obrigatórios, mas uma preparação à busca de conhecimentos. Necessitando, também, de uma integração e comunicação entre os professores de diferentes departamentos do mesmo Instituto.

O estudante deve ter tempo e ser estimulado a buscar o conhecimento por si só, deve participar de projetos de pesquisa e grupos transdisciplinares de trabalhos, de discussões acadêmicas, de seminários, congressos e similares; deve realizar estágios, desenvolver práticas extensionistas,

escrever, apresentar e defender seus achados. E mais: aprender a "ler" o mundo, aprender a questionar as situações, sistematizar problemas e buscar criativamente soluções. (CNE¹⁶)

Este documento estabelece o perfil buscado para os estudantes da Licenciatura em Química bem como as competências e habilidades que deverão fazer parte da construção do currículo.

O Licenciado em Química deve ter formação generalista, mas sólida e abrangente em conteúdos dos diversos campos da Química, preparação adequada à aplicação pedagógica do conhecimento e experiências de Química e de áreas afins na atuação profissional como educador na educação fundamental e média. (MEC¹⁷¹⁶)

3.1.2 Diretrizes Curriculares Nacionais para os cursos de formação de professores, conforme a Resolução CNE/CP 1, de 18 de fevereiro de 2002.

Esta resolução “*institui Diretrizes Curriculares Nacionais para a Formação de Professores da Educação Básica, em nível superior, curso de licenciatura, de graduação plena*”.

No artigo segundo são listadas orientações indispensáveis à formação para a atividade docente nos cursos de licenciatura:

*I - o ensino visando à aprendizagem do aluno;
II - o acolhimento e o trato da diversidade;
III - o exercício de atividades de enriquecimento cultural;
IV - o aprimoramento em práticas investigativas;
V - a elaboração e a execução de projetos de desenvolvimento dos conteúdos curriculares;
VI - o uso de tecnologias da informação e da comunicação e de metodologias, estratégias e materiais de apoio inovadores;
VII - o desenvolvimento de hábitos de colaboração e de trabalho em equipe.
(CNE¹⁷)*

Este documento trata a aprendizagem como um processo de construção do conhecimento, valores e habilidades na interação com a realidade e com os demais indivíduos e coloca a avaliação como um processo integrante da formação e aferição dos resultados alcançados. Atribui a cada Instituição a responsabilidade pela elaboração da sua matriz curricular.

3.1.3 Distribuição da carga horária do curso de Licenciatura em Química conforme a Resolução CNE/CP 2, de 19 de fevereiro de 2002.

Regulamenta a duração e a distribuição da carga horária dos cursos de Licenciatura. A carga horária será efetivada quando da integralização de, no mínimo, 2800 horas distribuídas em pelo menos três anos da seguinte maneira:

- I - 400 (quatrocentas) horas de prática como componente curricular, vivenciadas ao longo do curso;*
- II - 400 (quatrocentas) horas de estágio curricular supervisionado a partir do início da segunda metade do curso;*
- III - 1800 (mil e oitocentas) horas de aulas para os conteúdos curriculares de natureza científico- cultural;*
- IV - 200 (duzentas) horas para outras formas de atividades acadêmico-científico-culturais. Parágrafo único. Os alunos que exerçam atividade docente regular na educação básica poderão ter redução da carga horária do estágio curricular supervisionado até o máximo de 200 (duzentas) horas. (CNE¹⁸)*

O conhecimento da distribuição da carga horária – créditos obrigatórios e eletivos – de um curso é um fundamental para a compreensão do funcionamento e organização deste. Ao analisar as condições oferecidas por um curso faz-se necessário verificar se ele respeita a distribuição proposta por esta Resolução.

4 METODOLOGIA

Fink e Kosecoff (1998, *apud* Günther¹⁹) definem o termo *survey* – levantamento de dados – como um “*método para coletar informação de pessoas acerca de suas ideias, sentimentos, planos, crenças, bem como origem social, educacional e financeira*”. Tal definição se refere apenas ao levantamento de dados no qual podemos fazer uso de diferentes métodos de coleta de dados.

Para entender os fatores que promovem ou não a permanência dos discentes no curso de Licenciatura em Química da UFRGS foi realizada uma pesquisa *online*, através de um questionário misto, seguindo as proposições de Günther¹⁹, como ferramenta para obtenção da opinião dos alunos sobre o tema em análise – condições de permanência no curso. O questionário é definido como:

um conjunto de perguntas sobre um determinado tópico que não testa a habilidade do respondente, mas mede sua opinião, seus interesses, aspectos de personalidade e informação biográfica. Yaremko et al. (1986, apud GÜNTHER¹⁹).

Este instrumento de coleta de dados foi escolhido por ser simples e acessível de forma fácil e rápida a diferentes públicos em diversas localidades e poder ser aplicado em um curto espaço de tempo, obtendo-se um bom número de respostas. Outra vantagem do questionário *online* é que ele pode ser respondido de qualquer lugar, a qualquer horário e de forma anônima, o que possibilita um maior conforto aos participantes e fidelidade nas respostas.

Este questionário foi aplicado a alunos que ingressaram no curso de Licenciatura em Química da UFRGS via vestibular a partir de 2005, pois neste ano entrou em vigor o “novo” currículo do curso, baseado nas Diretrizes Curriculares Nacionais para os cursos de Licenciatura e também porque neste ano de 2014 os ingressantes de 2005, que ainda não concluíram o curso, estarão fechando um ciclo de vinte semestres na Universidade, prazo máximo para a conclusão do curso – os que não concluírem serão jubilados. Segundo a Resolução-CEPE nº19/2011²⁰ o jubramento é definido como

Art 15. O jubramento é o desligamento da Universidade de alunos que atingirem o prazo máximo para a conclusão de seus cursos.

§1º O prazo máximo para a conclusão de todos os cursos de graduação da Universidade é de duas vezes o tempo previsto para a integralização de seus currículos.

§2º No caso de Permanência para cursar nova habilitação do mesmo curso, a contagem de prazo máximo de conclusão referido no parágrafo anterior será acrescida, uma única vez, do tempo previsto para integralização do currículo.

A pesquisa de caráter exploratório será realizada em três etapas:

- 1ª Coleta de dados da amostra junto à Comgrad/Qui;
- 2ª Elaboração e aplicação de um questionário misto;
- 3ª Análise e tabulação das respostas obtidas para o questionário aplicado;

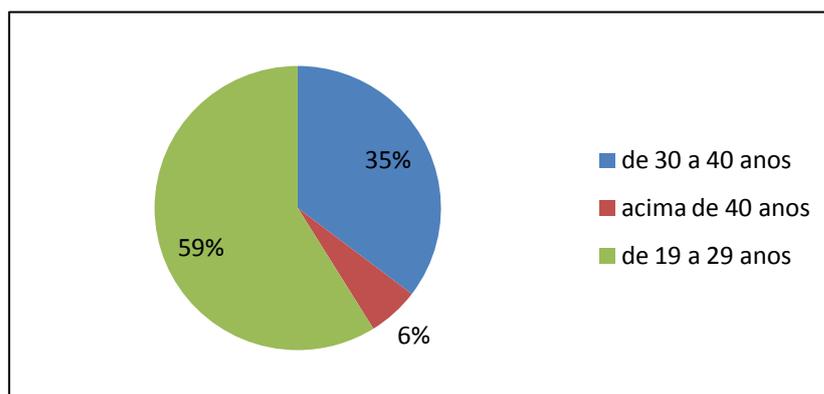
As questões que compuseram tal instrumento de pesquisa estão organizadas em blocos de acordo com o objetivo a que se propõem. Foram apresentadas questões de identificação do pesquisado (gênero, ano de ingresso, situação no curso), do perfil econômico do estudante (situação de moradia, tempo de locomoção até a universidade, situação econômica e participação de algum programa de assistência da universidade), estrutura do Campus do Vale para as aulas noturnas bem como horário das aulas, entre outras questões que possibilitam o entendimento das necessidades dos alunos referentes à permanência, grau de satisfação com o curso e carreira profissional.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

O levantamento de dados realizado junto à Comissão de Graduação do Instituto de Química da UFRGS (Comgrad/QUI) mostrou que desde o semestre letivo de 2005/2, trezentos e cinquenta (350) alunos ingressaram no curso de Licenciatura em Química, tanto por ingresso via vestibular como por outras modalidades de ingresso. Destes, 109 deixaram o curso e 31 já concluíram.

Foi enviado um questionário por e-mail aos estudantes que ingressaram no curso de Licenciatura em Química desde 2005/2 e que têm, atualmente, vínculo ativo na universidade ou já se graduaram, totalizando 241 possíveis respondentes, mas destes apenas 45 responderam, sendo que 34 ainda estão cursando e 11 já concluíram. Na Figura 1 podemos observar a distribuição de idades dos alunos que participaram da pesquisa

Figura 1 – Distribuição, dos pesquisados, por faixa etária.



Entre estes alunos aproximadamente 73% são do sexo feminino. Não é apenas no curso de Licenciatura em Química que as mulheres são maioria, elas estão em maior número no nível Superior de Ensino mesmo sendo sua história, ao longo dos séculos, marcada pela exclusão. Enquanto os homens detinham o poder das decisões na sociedade, as mulheres eram submetidas a não participação e deveriam ser submissas a seu pai quando solteira, e após o casamento tornavam-se objeto de domínio do marido, devendo obedecê-lo sem questionamentos. E como coloca Rago:

A história da ciência também é caracterizada pela exclusão da mulher, tendo sido alijadas do poder, da política e dos centros de decisão, por séculos aprenderam a desenvolver estratégias de ação (...) e foram formadas

em contextos sociais e culturais diferenciados dos masculinos, sofreram outras exigências morais e corporais. RAGO (2004, apud NUNES et al²¹)

Mas sua trajetória é marcada por uma evolução extraordinária, pois se no período pré-colonial a mulher estava responsável pela educação de seus filhos e cuidados da casa, no século 19 começam a fazer parte das salas de aula das escolas públicas mistas, ainda de forma tímida, passando a dominar a educação infantil anos mais tarde e hoje já são maioria nos diversos níveis de ensino, passando a exercer um papel mais ativo e decisivo na sociedade.

As pesquisas realizadas sobre a temática de gênero e mercado de trabalho mostram, por outro lado, que os homens têm deixado a carreira docente devido à sua desvalorização, conforme afirmam Sá e Rosa.

O crescente desprestígio da profissão docente, sobretudo como decorrência dos baixos salários, explica em algumas pesquisas, em grande parte o processo cada vez maior de evasão de professores e professoras, que atinge sobremaneira os docentes do sexo masculino. (SÁ; ROSA²²)

Assim, a desvalorização profissional do professor pode ser outro fator que contribui para a predominância feminina entre os discentes do curso de Licenciatura em Química da UFRGS.

Outro fator relevante para esta diferença está assentada na própria história da educação, na qual desde os seus primórdios foi dominada por mulheres.

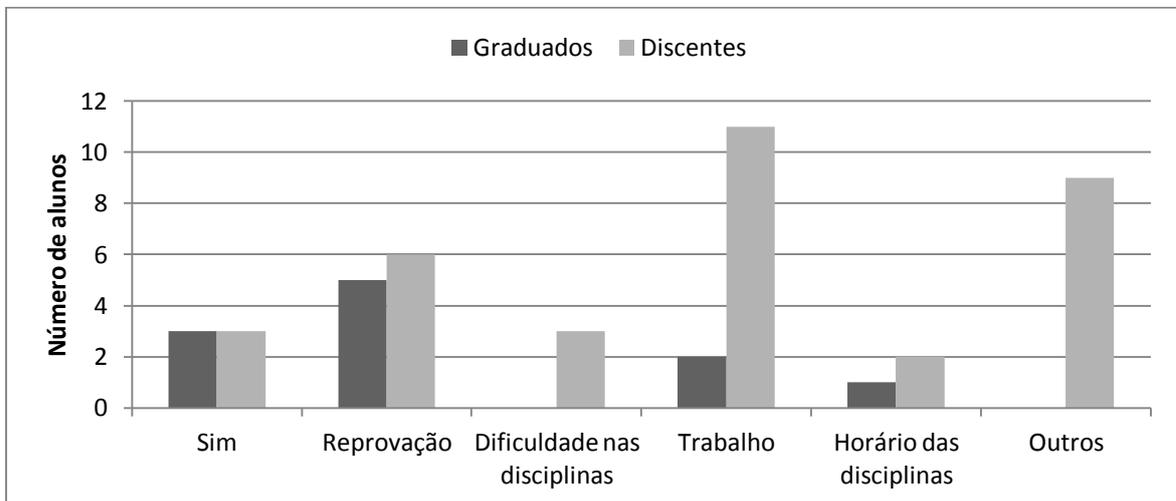
4.1 Estudantes no mercado de trabalho

Quando os alunos e ex-alunos foram questionados sobre se estão ou concluíram o curso na seriação correta obtivemos os seguintes resultados: entre os graduandos 91% não está na seriação correta assim como 73% dos graduados não concluíram o curso na etapa aconselhada. Os motivos para este índice elevado estão descritos na Figura 2. Ao compararmos os dois grupos (graduados e discentes) é possível perceber que percentualmente temos maior número de estudantes graduados (27%) que concluíram dentro da seriação correta do que entre aqueles que ainda estão em processo de graduação e permanecem na seriação correta (9%).

É possível perceber que a grande maioria dos estudantes, conforme quantificação anterior, não consegue manter-se na etapa aconselhada e isto está ligado a diversos motivos:

dificuldade de aprendizagem ocasionando reprovações, impossibilidade de cursar todos os créditos previstos devido ao horário em que as cadeiras são disponibilizadas e mesmo ao fato de alguns alunos precisarem trabalhar fora da Universidade.

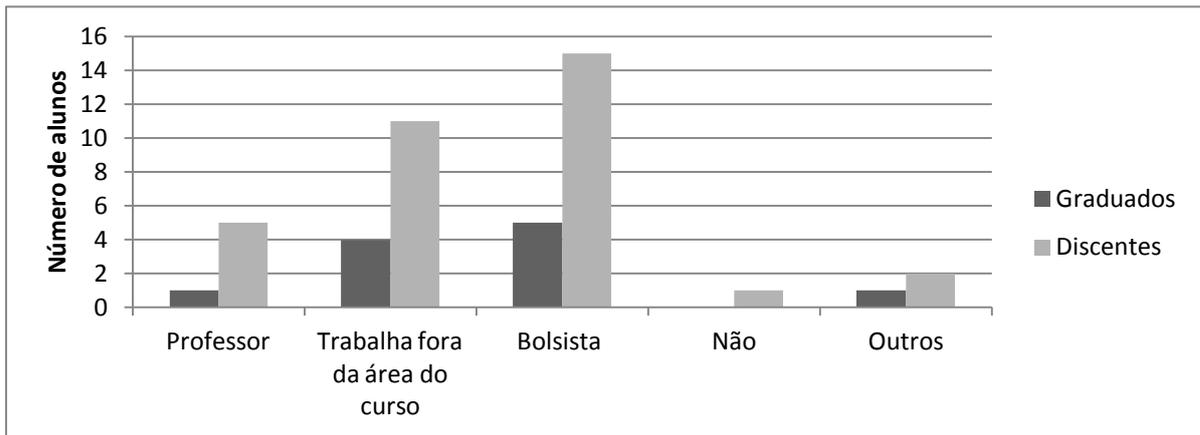
Figura 2 - Dados obtidos com relação à seriação.



Entre os discentes a maioria que afirmou não estar na seriação correta apresentou como motivo o fato de trabalhar não conseguindo, assim, realizar todos os créditos recomendados para o semestre. Já entre os graduados o maior percentual está ligado a reprovações ao longo do processo de formação.

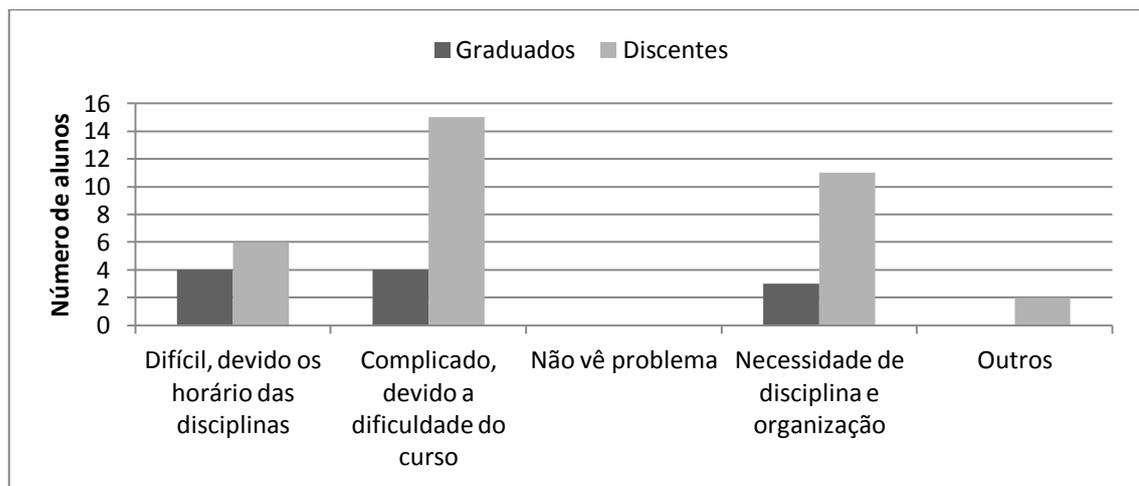
Quando os alunos foram questionados sobre possuir, ao longo da graduação, alguma atividade remunerada, obtivemos os dados apresentados na Figura 3. Aproximadamente 90% dos alunos e ex-alunos do curso de Licenciatura em Química possuem alguma atividade remunerada e, destes, em torno de 45% estão ou estiveram inseridos em bolsas oferecidas pela universidade. A maioria daqueles que trabalham fora da UFRGS não estão em sala de aula lecionando a disciplina de química, mas sim em empregos diversos que não estão ligados a docência.

Figura 3 - Representação dos dados obtidos quanto à participação em atividades remuneradas.



Como grande parte dos alunos possuem alguma atividade remunerada faz-se necessário entender como este estudante vê esse processo de estudar e trabalhar ao mesmo tempo. Na Figura 4 são apresentados os dados obtidos quando o pesquisado foi questionado sobre a possibilidade de conciliar o trabalho fora da Universidade com a vida acadêmica. Após a análise destes chegamos à conclusão que a maioria dos estudantes, tanto graduados quanto aqueles que ainda estão cursando, consideram complicado conciliar trabalho e vida acadêmica, seja pela dificuldade das disciplinas que exigem tempo para estudar ou mesmo dificuldades causadas pelo horário em estas são ofertadas.

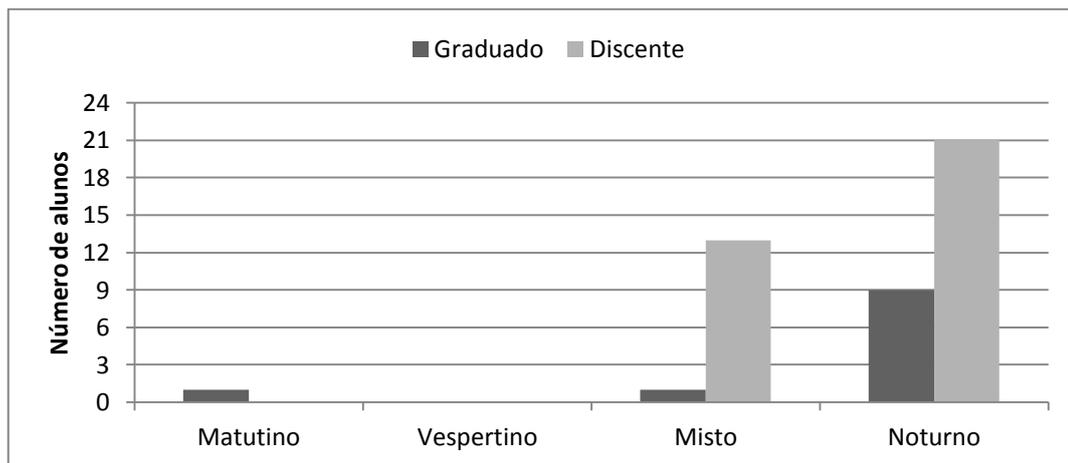
Figura 4 - Dados obtidos sobre a possibilidade de conciliar trabalho com o curso de graduação.



4.2 Horário das disciplinas

Para sabermos se os horários de oferecimento das disciplinas atendem as necessidades dos alunos é fundamental ter claro o turno em que eles costumam cursar as disciplinas.

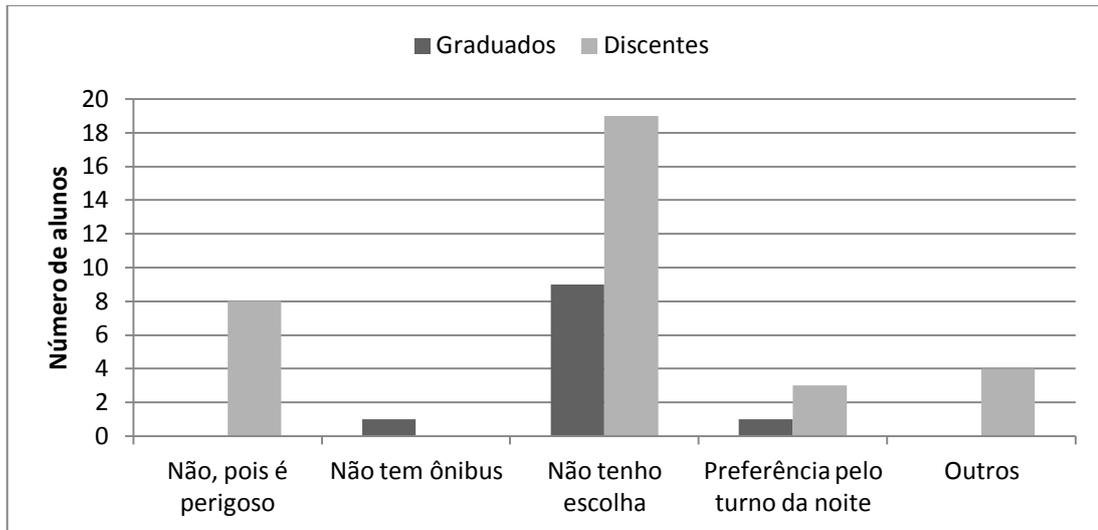
Figura 5 - Turno de realização da maioria dos créditos que compõem o curso de Licenciatura em Química.



Constatamos a predominância de alunos da Licenciatura em Química no turno da noite, conforme é possível observar na Figura 5.

Esta porcentagem de discentes que cursam as disciplinas a noite não reflete a vontade dos estudantes, mas sim a falta de opção, pois como o curso é noturno as disciplinas específicas da Licenciatura são oferecidas apenas neste turno o que obriga os alunos a cursarem disciplinas às 20h30min, mesmo com os perigos iminentes e a falta de iluminação do campus. Tal situação pode ser observada na Figura 6, a qual apresenta os dados referentes à pergunta: **Você costuma cursar disciplinas no último horário da noite (20h30min)?**

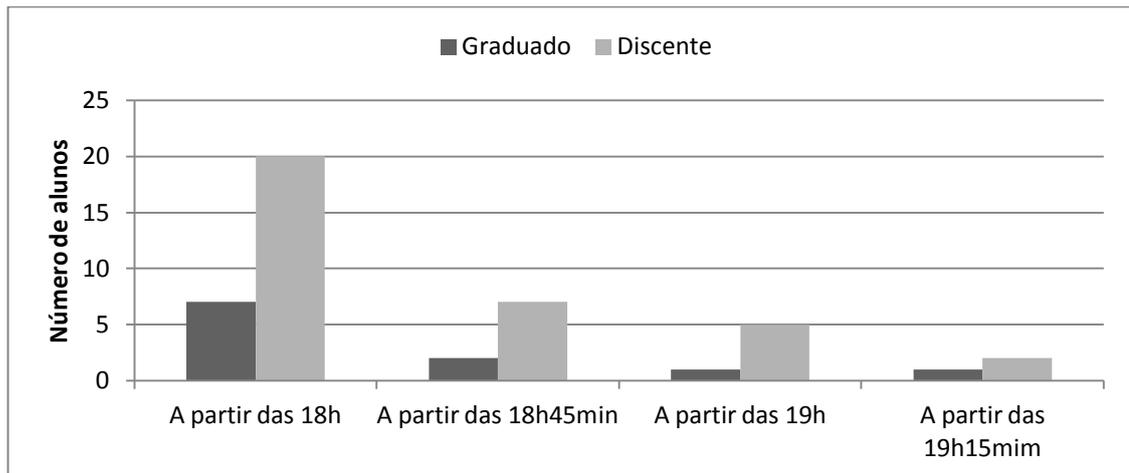
Figura 6 – Relação de dados obtidos quando os alunos foram questionados sobre cursar disciplinas no último horário da noite.



Quando o assunto é horário, nos corredores da universidade, ouvimos muitos alunos reclamando do horário de início das disciplinas do turno da noite (18h30min). Para aqueles que trabalham em horário comercial é impossível estar esta hora no campus do vale, por causa do trânsito e da localização, pois por volta das 18h o fluxo de carros é intenso e o tempo de locomoção chega a pouco mais de uma hora.

Os alunos pesquisados foram questionados sobre que horário eles consideravam mais adequado para o turno da noite e obtivemos como resposta os dados apresentados na Figura 5, que não confirmam as reclamações ouvidas pelos corredores. A maioria concorda com o início às 18h30min. Na Figura 7 vemos que a maior parte dos alunos realiza grande parte das disciplinas do curso no turno da noite.

Figura 7 - Preferência, apresentada pelos alunos, para o horário dos horários das disciplinas do turno da noite.



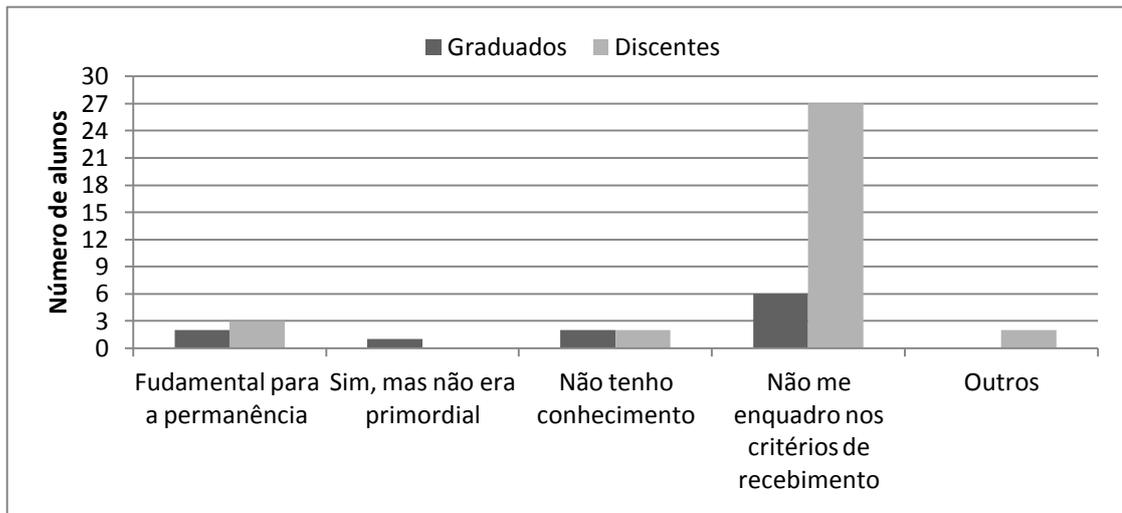
4.3 Assistência estudantil

A UFRGS oferece aos estudantes auxílios financeiros financiados pelo governo federal, como as bolsas PRAE, citadas na revisão da literatura, para garantir a permanência destes com qualidade no ensino superior. Questionamos os alunos participantes se eles possuem ou não alguma assistência financeira da universidade e verificou-se que a grande maioria não se enquadra nos critérios de recebimento que são:

- ✚ Baixa renda;
- ✚ Não possuir diploma de graduação;
- ✚ Ter desempenho acadêmico satisfatório;

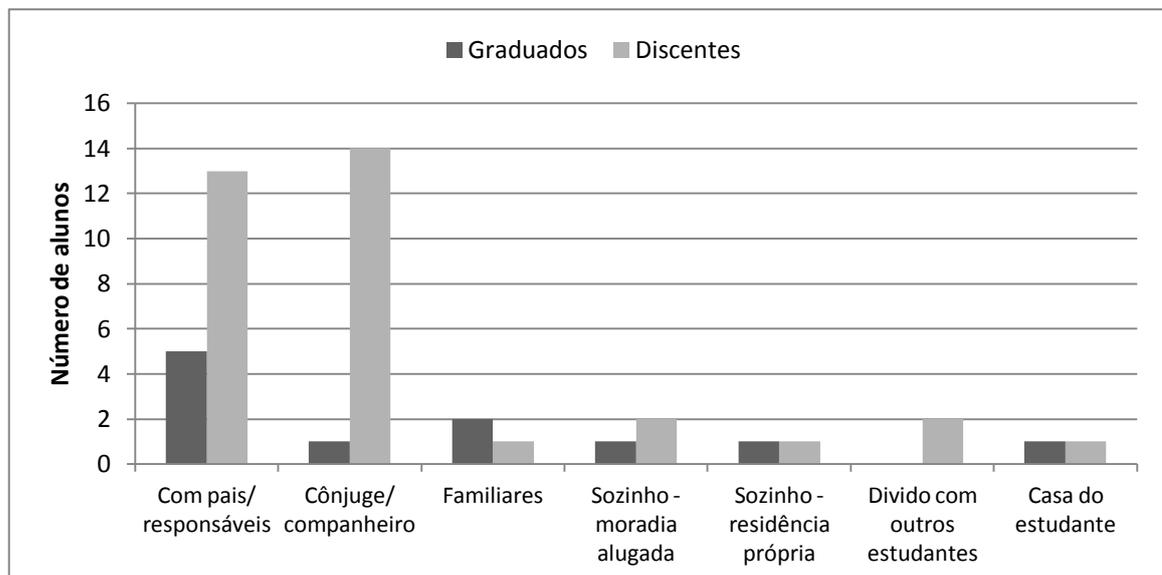
Assim podemos concluir que os estudantes deste curso não pertencem as classes de menor poder aquisitivo, mas também não fazem parte de classes mais abastadas economicamente. Observemos a Figura 8.

Figura 8 – Recebimento de auxílio financeiro oferecidos pela UFRGS.



A situação de moradia dos estudantes que ingressam no Ensino Superior é fundamental quando nos referimos a estudantes que vêm de cidades do interior do estado ou mesmo de outros estados do país, principalmente aqueles com menor poder econômico, mas o perfil dos estudantes que ainda não concluíram o curso de Licenciatura em Química desta universidade não condiz com a problemática apresentada acima, pois a grande maioria (como vemos na Figura 9) destes moram com os pais, tanto em Porto Alegre como na Região Metropolitana, ou mesmo com seus cônjuges. Já entre os pesquisados diplomados, quase 50% disseram morar com os pais ou com familiares residentes em regiões próximas à universidade.

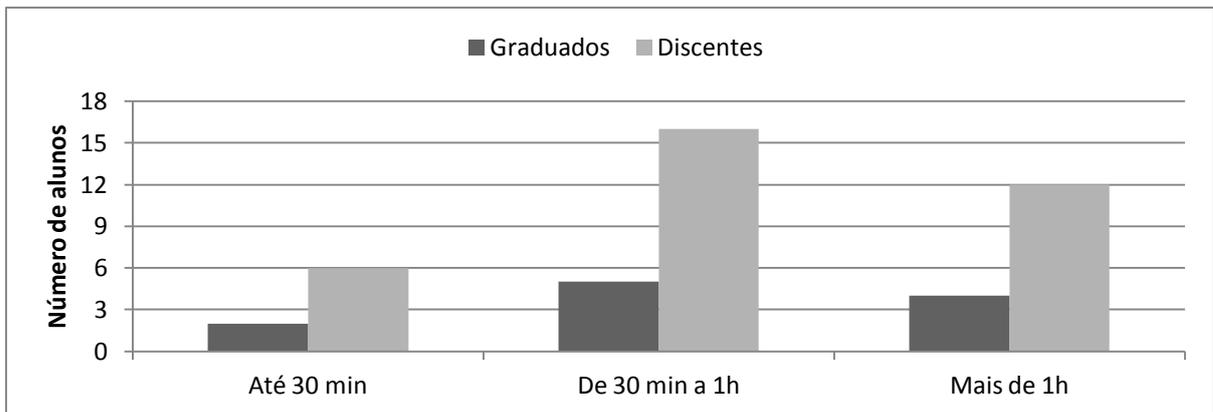
Figura 9 - Dados obtidos para a questão que retrata a situação de moradia dos discentes ao longo da graduação.



Além da preocupação com a situação de moradia estudantil para a garantia da permanência do universitário é importante analisar as condições de transporte coletivo quanto à disponibilidade de horários e linhas que atendam ao público que se dirige ao campus situado no Bairro Agronomia.

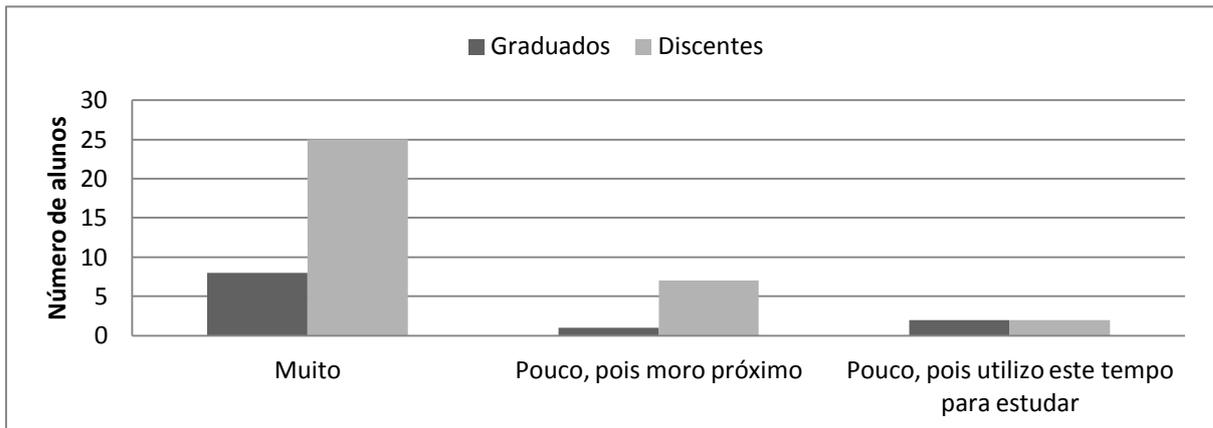
Para compreender o posicionamento dos alunos com relação ao transporte coletivo precisamos primeiro saber quanto tempo o aluno leva para chegar ao seu destino e quanto este tem dificultado o rendimento nas disciplinas cursadas. Para este entendimento foi necessária a realização de dois questionamentos: *Quanto tempo você levava para chegar ao campus do vale?* e *Quanto o tempo de locomoção afetava seu rendimento no curso?* Obtivemos como resposta os dados apresentados nas figuras 10 e 11.

Figura 10 - Dados obtidos quando do questionamento sobre o tempo de locomoção do estudante até a universidade.



Os dados obtidos demonstram que aproximadamente 80% dos estudantes, tanto aqueles que estão em processo de formação como os graduados, tem deslocamentos com tempos superiores a 30 minutos, sendo que mais da metade destes demoram mais de uma hora para chegar nas aulas e assim mais de 2 horas por dia são perdidas apenas com transporte. Em posse desta informação é primordial questionar o quanto este tempo afeta a vida acadêmica e esses dados estão disponibilizados na Figura 11.

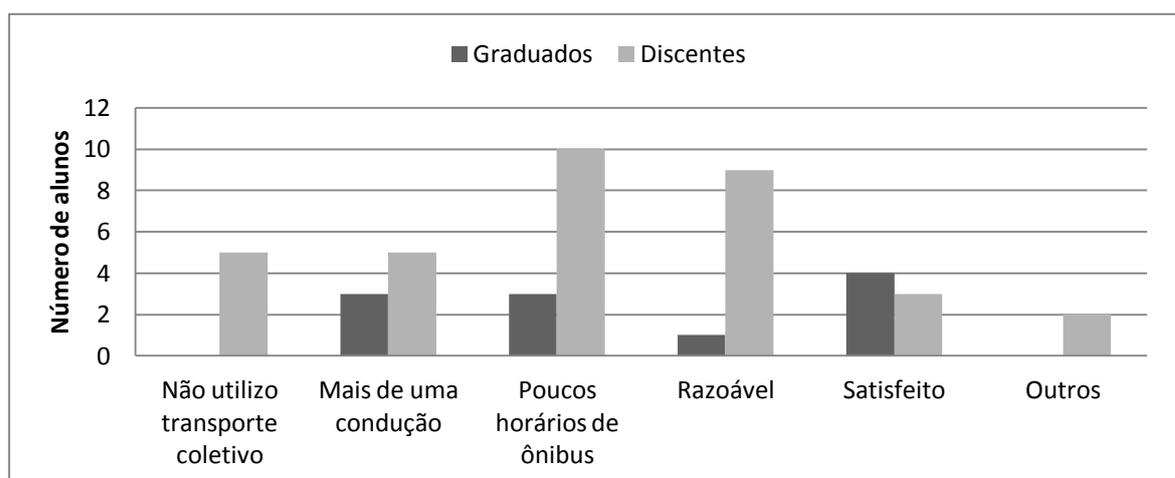
Figura 11 - Resumo das respostas obtidas para a questão envolvendo o quanto o tempo de locomoção afeta o rendimento do estudante ao longo da graduação.



A maioria dos estudantes (73%) das duas categorias responderam que o tempo gasto com o transporte afetava muito o seu rendimento, pois este tempo, por mais que seja utilizado para a realização de algumas leituras, não é tão bem aproveitado pelos estudantes, pois há barulho e o próprio balanço do ônibus que dificultam a concentração.

Ao questionarmos sobre a opinião dos alunos sobre as condições – quantidade de linhas e horários – do transporte utilizado a caminho da Universidade obtivemos as seguintes respostas, conforme mostra a Figura 12.

Figura 12 - Relação dos dados obtidos sobre a opinião dos alunos e ex-alunos sobre a disponibilidade de linhas e horários dos ônibus.



As opiniões de discentes e graduados divergem, pois enquanto a maioria (40%) daqueles que já concluíram o curso disseram estar satisfeitos com as linhas e horários disponíveis, os graduandos dividem-se entre considerar esse ponto ruim, devido à pouca quantidade de linhas e horários disponíveis das linhas por eles utilizadas e considerar o transporte razoável. As principais linhas que abrangem o campus do vale são:

- ✚ 343 Campus Ipiranga: Campus em direção ao centro via Ipiranga.
- ✚ D43 Universitária direta: Campus em direção ao centro via Ipiranga.
- ✚ 3751 Agronomia: Vai em direção ao centro via Av. Bento Gonçalves.
- ✚ 286 Belém Velho/ Cristal/ UFRGS: zona sul até o Barra Shopping Sul.
- ✚ T8 Campus/ Farrapos: Sentido leste – norte via Av. Protásio Alves.
- ✚ T10 Triângulo/ Antonio de Carvalho: Sentido Leste/ Norte passando pela Manoel Elias.
- ✚ TM3 São Leopoldo/ Agronomia: Passa pelas cidades de Viamão e Gravataí.

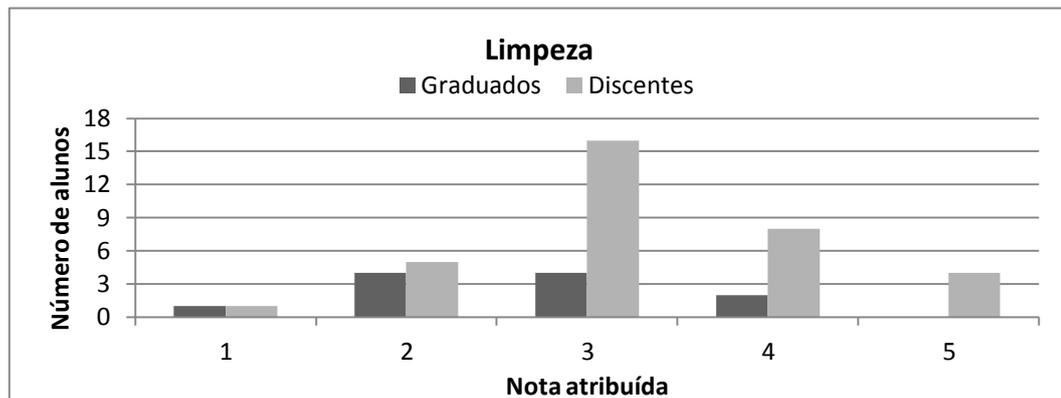
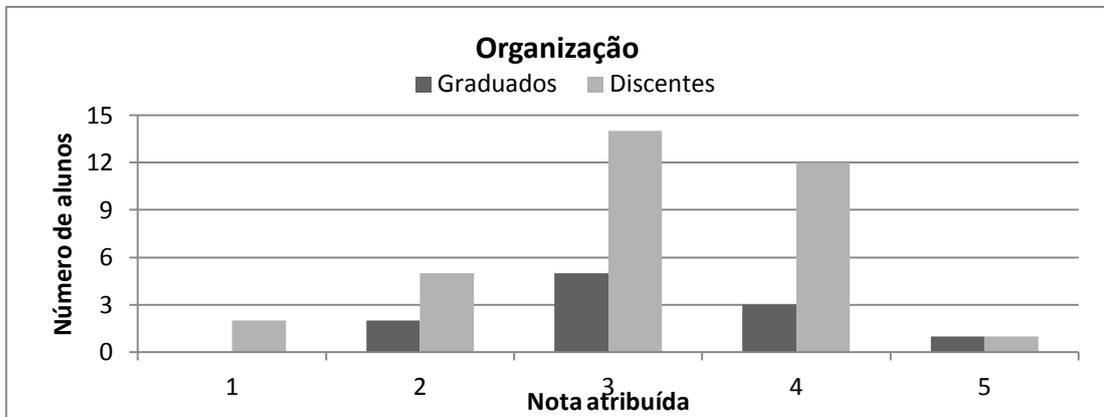
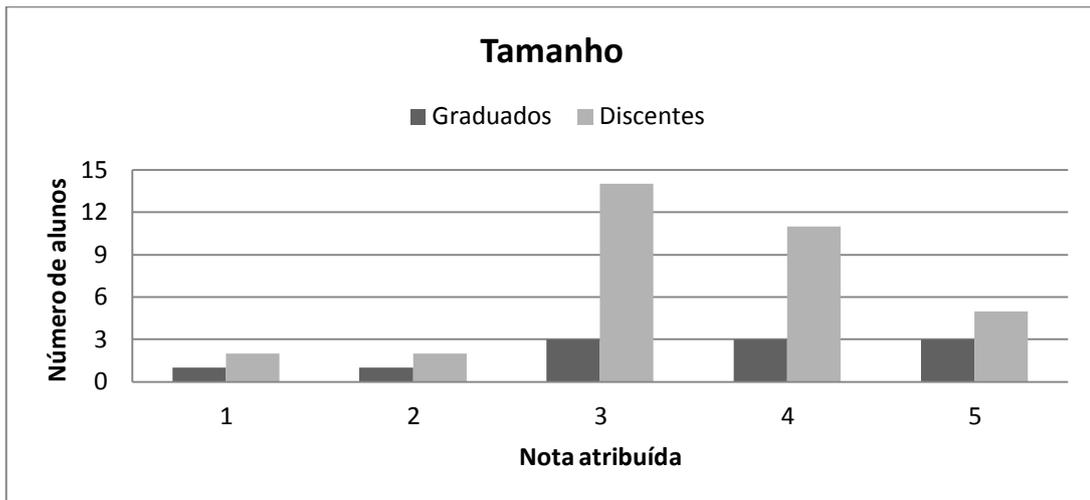
Quando o estudante não reside em localidades atendidas por estas linhas é necessário fazer uso de mais de um ônibus, o que aumenta ainda mais o tempo de locomoção e também o gasto com passagens. Apesar da existência de gratuidade da segunda linha quando respeitado um tempo determinado, muitas vezes o segundo ônibus demora e o tempo disponível para a utilização da gratuidade é excedido e então o aluno precisa pagar novamente a passagem. Não podemos também deixar de pensar nos riscos que correm os estudantes que precisam trocar de ônibus, pois estes ficam mais suscetíveis a assaltos em paradas pouco movimentadas, principalmente no turno da noite.

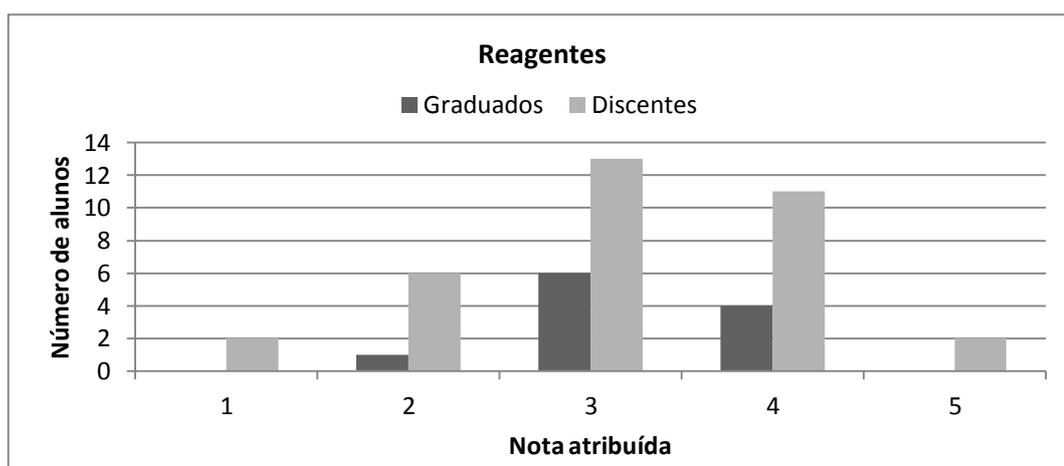
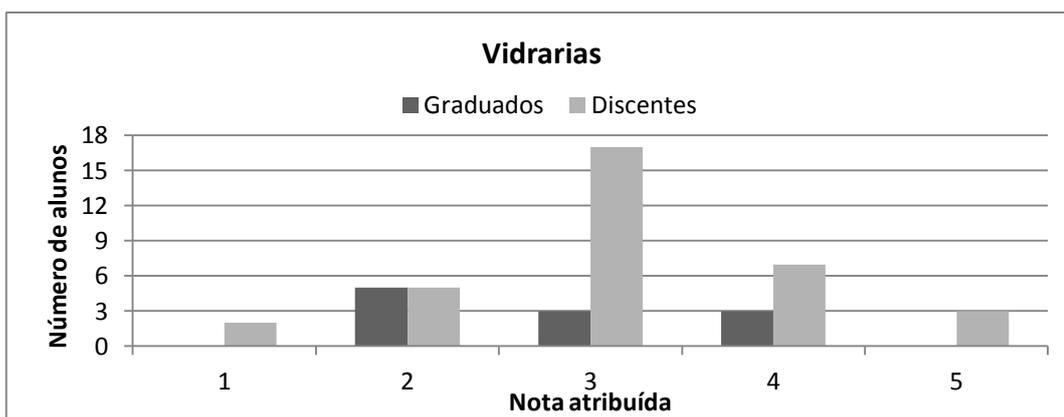
4.4 Infraestrutura da Universidade (Campus do Vale)

Não há como falar sobre as condições de permanência na UFRGS sem pensar nas condições estruturais oferecidas pelo Campus do Vale, pois este é alvo de inúmeras críticas por parte dos alunos, pelos menos aqueles mais próximos a mim.

As questões que abrangem este tema foram realizadas através de uma escala de pontuação de 1 a 5, sendo **1 = péssimo; 2 = ruim; 3 = bom; 4 = muito bom e 5 = ótimo**. Os resultados obtidos podem ser visualizados a partir da Figura 13 até 16.

Figura 13 – Avaliação da estrutura dos laboratórios do Instituto de Química da UFRGS.





Os laboratórios para um curso de química são fundamentais e precisam ser capazes de atender satisfatoriamente as necessidades das aulas práticas ministradas nesse recinto. Nos gráficos apresentados na Figura 13 estão apresentadas as avaliações feitas por alunos e ex-alunos do Instituto de Química em relação a este espaço físico de fundamental importância ao curso. Foram cinco os quesitos avaliados: tamanho, organização, limpeza, vidrarias e reagentes.

Ao avaliar o tamanho dos laboratórios, em torno de 70% dos estudantes, tanto graduados como os em processo de formação, consideraram bom ou muito bom, revelando um dimensionamento adequado do laboratório para o número de alunos atendidos e isso, aliado à organização do espaço, é fundamental para o bom andamento das aulas. Pela avaliação dos alunos é possível afirmar que estes são bem organizados, conforme Figura 13. Essa visão positiva pode ser atribuída aos técnicos responsáveis que deixam tudo preparado antes das aulas para que estas possam transcorrer da melhor maneira possível. Um laboratório desorganizado atrasaria o andamento das aulas e provocaria a insatisfação de alunos e professores.

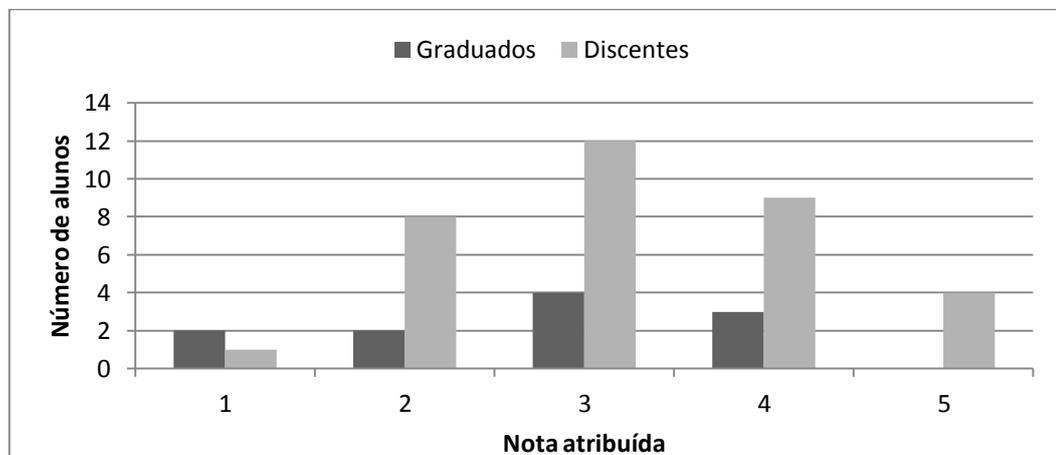
Quando o assunto é limpeza existe uma divergência entre graduados e graduandos. Enquanto os primeiros esta é vista, pela maioria, entre ruim a boa, já entre os segundos ela está entre boa e muito boa, tal informação pode ser observada na Figura 13, mostrando uma evolução do Instituto. Uma limpeza adequada é fundamental para evitar contaminações e riscos àqueles que fazem uso deste espaço. Esse não é, com certeza, um fator determinante para a permanência de universitários no ensino superior, mas auxilia na qualidade e no bem estar de todos e sentir-se bem é um suporte para o enfrentamento da dura vida acadêmica.

Quando questionados sobre as condições oferecidas pelo laboratório com relação às vidrarias disponíveis para a utilização ao longo das aulas práticas, os ex-alunos apresentaram divergência nas respostas, pois a nota atribuída a este item variou linearmente de 2 a 4, conforme a Figura 13 não se obtendo, assim, dados conclusivos sobre este ponto. Já entre os discentes estas são consideradas boa ou muito boa, em outras palavras, podemos dizer que são adequadas às atividades experimentais rotineiras.

Ao avaliarmos o quesito reagentes as opiniões das duas categorias em análise foram convergentes, quase 81% dos pesquisados avalia como bom ou muito bom o que evidencia uma preparação, armazenamento adequado e boa qualidade dos reagentes adquiridos para utilização nas aulas.

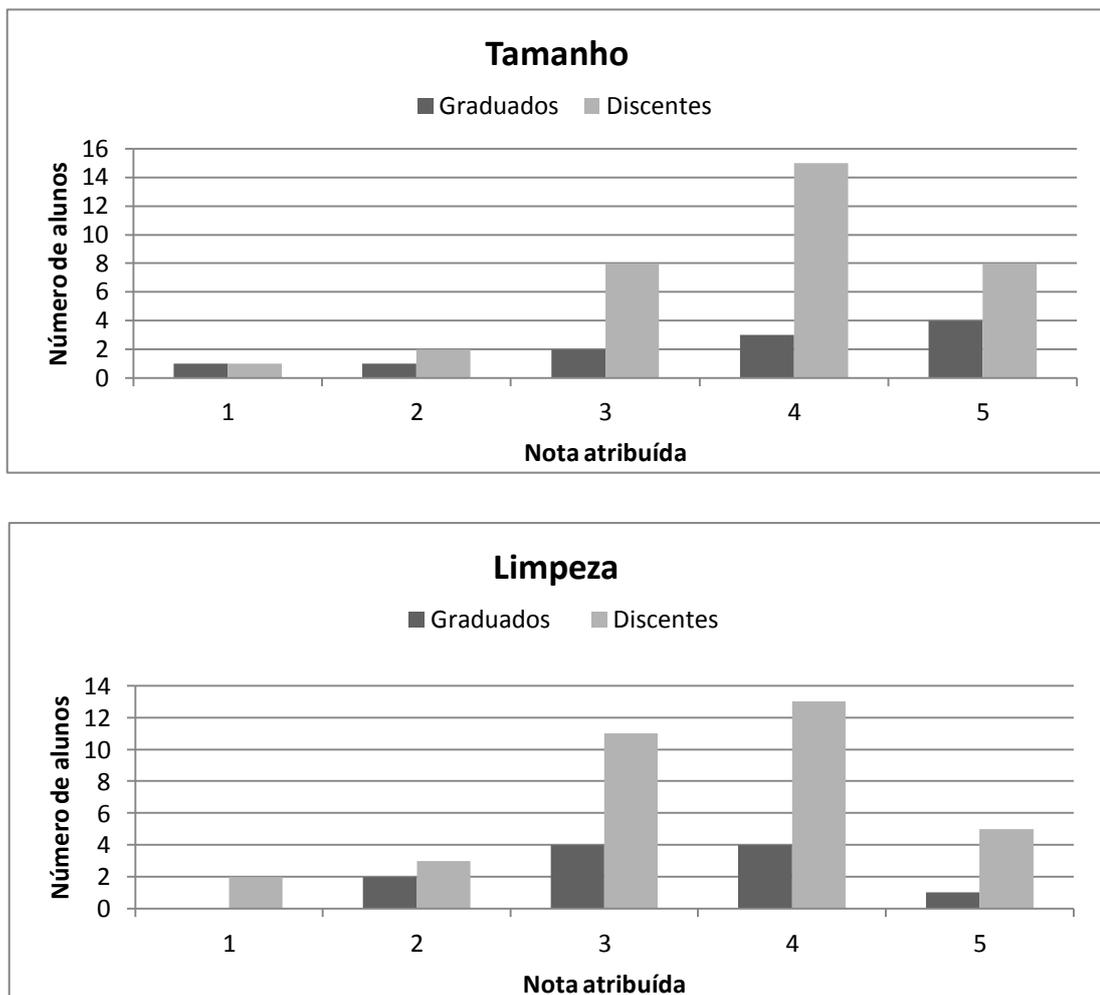
Após esta análise é possível concluir que os laboratórios tem atendido satisfatoriamente as necessidades dos alunos que realizam, semestralmente, experimentos em suas dependências.

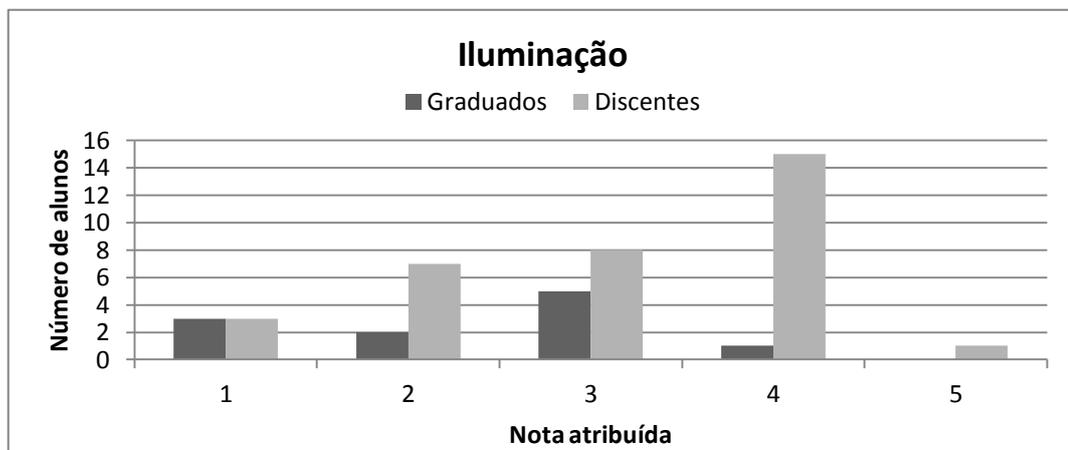
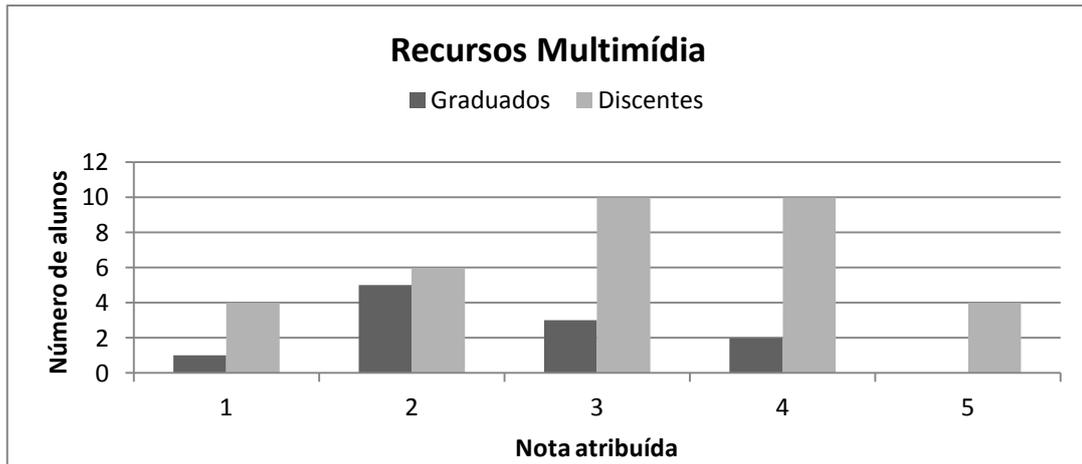
Figura 14 – Dados obtidos quando da avaliação dos alunos sobre o horário de funcionamento da biblioteca.



Dentro da discussão de estrutura da Universidade para atender aos alunos do Instituto de Química, mais precisamente aos da Licenciatura, que é um curso noturno, é necessário avaliar o horário de funcionamento da biblioteca e sua estrutura para atender a essa clientela. Hoje ela funciona das 8h30min até às 20h30min, horário considerado bom na avaliação dos alunos, como pode ser visto na Figura 14.

Figura 15 – Resultado da avaliação realizadas pelos respondentes sobre a estrutura das salas de aula.



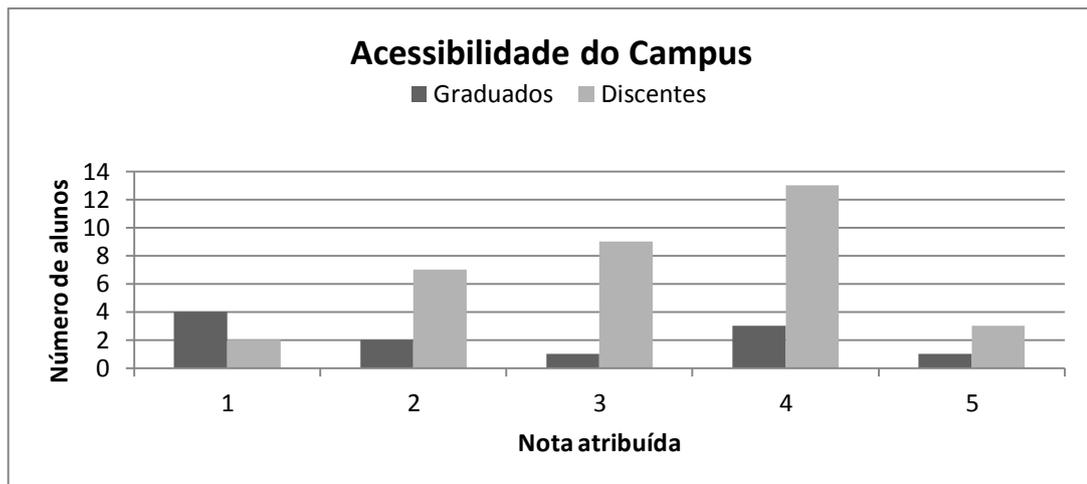


As salas de aula foram analisadas pelos pesquisados em quatro quesitos: tamanho, limpeza, recursos multimídia e iluminação. Todos estes itens têm suas notas atribuídas ao longo da Figura 15. O tamanho foi considerado adequado e atende as necessidades dos estudantes. As salas do prédio F (prédio 43123 do Campus do Vale), onde é oferecida a maioria das disciplinas de química, grande parte das salas são para 60 alunos e medem aproximadamente 60 m², com exceção da sala F212 que é para 40 alunos apresentando aproximadamente 40 m². A limpeza é um item passível de melhorias, na opinião dos que responderam, visto que sua avaliação ficou entre ruim e boa.

Nos últimos dois anos foram instalados computadores e projetores nas salas do prédio F pavimento dois. Essa evolução contribuiu para a melhoria da nota atribuída pelos alunos que participaram da pesquisa, pois enquanto os graduados avaliaram, em sua maioria, como ruim ou bom os recursos multimídia presentes, os discentes consideraram este ponto como bom ou muito bom, conforme é possível observar na Figura 15. A presença destes recursos é fundamental para o andamento das aulas, porque muitos professores fazem uso de

apresentações de slides em suas aulas para auxiliar nas explicações. Ainda é necessário aprimorar o funcionamento da internet nestes ambientes. Outro fator que precisa ser aperfeiçoado é a iluminação, pois grande parte dos alunos a considerou insatisfatório e isso é nítido nas aulas do turno da noite, horário em que o não funcionamento de algumas lâmpadas é mais sentido e uma precariedade neste quesito atrapalha o andamento das atividades.

Figura 16 – Avaliação realizada pelos alunos referente à acessibilidade do Campus do Vale.



A acessibilidade, conforme vemos na Figura 16, foi considerada pela maioria dos discentes como muito boa. Neste ponto é necessário questionar esta avaliação: o campus é acessível a quem? Aqueles que apresentam suas capacidades motoras e visuais não comprometidas ou consegue atender àqueles com restrições de movimentos? Quem participou da pesquisa apresenta alguma forma de limitação motora?

Através do cadastro de alunos é possível observar que nenhum dos licenciandos ou licenciados pesquisado é portador de qualquer deficiência motora ou intelectual talvez seja este o motivo da nota boa atribuída para este quesito, pois o campus não apresenta rampas de acesso adequadas a cadeirantes e é rodeado por escadarias dificultando o acesso as dependências do campus. De acordo com o artigo segundo da Lei 10.098 de dezembro de 2000²³ a acessibilidade é definida como a *“possibilidade e condição de alcance para utilização, com segurança e autonomia, dos espaços, mobiliários e equipamentos urbanos, das edificações, dos transportes e dos sistemas e meios de comunicação, por pessoa portadora de deficiência ou com mobilidade reduzida;”*.

4.5 Percepção do aluno em relação ao curso:

Para compreender a relação dos alunos com o curso é preciso conhecer os motivos que os fizeram se interessar pelo curso. Nesta questão foram oferecidas algumas opções aos participantes como:

- ✚ Interesse pela profissão.
- ✚ Obtenha bom rendimento na área ao longo do ensino médio.
- ✚ Influência familiar.
- ✚ Facilidade de ingresso, devido à baixa procura no vestibular.
- ✚ Indecisão quanto à escolha de um curso ou carreira profissional.
- ✚ Outros

Dos 34 discentes que responderam ao questionário online, 73,5% disseram ter escolhido o curso devido ao interesse que tinham pela profissão e, dos 11 graduados, 5 ingressaram por este mesmo motivo. Assim podemos perceber que os alunos que optam por este curso estão interessados em atuar como professores de química, mas alguma coisa ao longo do caminho os tem desmotivado para o exercício da profissão ou mesmo para a conclusão do curso, pois muitos evadem. Para entender as causas da não inserção nas salas de aula de ensino médio, precisamos primeiramente conhecer os fatores que influenciam e motivam ou não a permanência do estudante no ensino superior. Elaboramos as seguintes questões abertas sobre as condições oferecidas pelas disciplinas do curso:

- ✚ O curso fornece/forneceu base suficiente para o exercício da profissão (professor de química)? Por quê?
- ✚ O curso permite/permitiu o desenvolvimento da habilidade de escrita científica ao longo das disciplinas cursadas? Por quê?
- ✚ O curso corresponde/responde às suas expectativas? Justifique.
- ✚ Você estimularia outro jovem a fazer o curso de Licenciatura em Química na UFRGS? Por quê?

A primeira questão desta etapa se refere à preparação ofertada pelo curso ao exercício da profissão e tem como objetivo identificar a opinião dos pesquisados sobre a sua relação com o curso. As respostas dos já graduados se dividem em dois grupos: 36% acreditam que o curso seja adequado às necessidades de formação dos licenciandos, enquanto 64% sentiram falta de uma preparação mais voltada para a docência e não apenas para a assim chamada “química dura”. Um dos graduados diz: *“Não. O curso nos dá uma ótima formação teórica sobre a química, mas não nos possibilita visualizar qual a importância desses conteúdos para*

estudantes do ensino médio. Durante o curso somos constantemente coagidos a buscar a interdisciplinaridade da química, porém isso não nos é ofertado durante o curso e agora como professora tenho que estudar MUITO sobre coisas que não tive oportunidade de ver na graduação para tentar oferecer uma aula interessante aos meus estudantes”.

Nas respostas: *“Aprendi muito no curso... os assuntos foram aprofundados o suficiente para o exercício da profissão.”* e *“O curso ofereceu base suficiente para o exercício da função, porque as disciplinas me pareceram de acordo.”* podemos observar a satisfação de alguns ex-alunos com o nível de aprofundamento das disciplinas cursadas e essa base teórica da química é encarada como a preparação necessária para o exercício da atividade docente.

Entre estas duas visões existe uma divergência, pois enquanto um diz *“Acredito que sim, as disciplinas de área da educação e os estágios obrigatórios me deram uma base boa para o exercício da profissão.”* outro coloca *“Não. O currículo necessita de um reajuste para uma melhor identificação do aluno para com a profissão. Da maneira como está, aparenta ser um curso de bacharelado com disciplinas de educação, as quais não dialogam em nenhum momento com os conteúdos “duros” de química, física e matemática que são vistos ao longo do curso”*. A falta de disciplinas mais voltadas à preparação das aulas é sentida e comentada por grande parte dos estudantes que relataram não ter tido, ao longo da graduação, base suficiente para o exercício da profissão e é visível na fala de um dos estudantes, o qual considera a necessidade de uma modificação curricular a fim de estabelecer uma melhor identificação entre o licenciado e a carreira docente.

Dos 34 discentes que responderam a questão, 11 acreditam que o curso não prepara suficientemente para a vida profissional, 10 parcialmente, 11 sim e 2 não souberam responder.

Dos 11 que responderam não a esta pergunta, há unanimidade no porquê da não preparação: segundo estes alunos o curso não está voltado para a Licenciatura, pois são muitas as disciplinas na área de química básica que não dialogam com o fazer docente e as disciplinas de educação deixam muito a desejar devido à superficialidade. Seguem algumas respostas que exemplificam estas afirmações:

“Não. A parte da educação deveria ser mais focada em docência prática não em conversas de velhas filosóficas. O conteúdo científico tinha que ser abreviado mantendo só o que é relevante.”

“Não. Acho que há uma falta de contextualização/distanciamento das práticas relacionadas à educação em química por grande parte das disciplinas do IQ (pelo menos no

início do curso). Desde que entrei apenas uma disciplina de dois créditos teve alguma preocupação em fornecer uma base para o exercício da profissão. Ou seja, não há profundidade alguma em um tema dessa importância. O estudante que tem a responsabilidade de construir sua identidade com a profissão por vias distintas.”

“Não, porque que o curso não fornece uma formação que te ajude a dar aula, e sim uma formação para te ajudar na indústria ou em um laboratório de pesquisa. Ele não consegue ligar os conteúdos da química com o dia a dia das pessoas, assim facilitando o ensino em sala de aula”.

“Acredito que não, pois não temos aulas de didática. Os conteúdos apresentados nas aulas não são diretamente voltados para exercer a profissão docente. Falta Metodologia adequada e professores realmente capacitados para ministrar as aulas.”

Em algumas situações, nas quais o estudante não tem clareza sobre seu futuro profissional, esse aspecto – preparo para a futura carreira profissional – torna menos relevante a discussão de metodologias de ensino e obtêm maior significância as discussões voltadas para a preparação para as situações de sala de aula que poderão ser enfrentadas futuramente. Entre os respondentes há, também, a necessidade de uma visão diferenciada por parte das disciplinas do curso para com a Licenciatura diferenciando-a das demais habilitações oferecidas pela UFRGS – bacharelado e industrial.

“Sinceramente, acho que é uma pergunta que renderia um grande debate. Eu acho o curso de licenciatura em química deveria ter (além das poucas que tem) cadeiras voltadas à licenciatura no sentido de oferecerem a real dinâmica de sala de aula do ensino público. Quando digo isso, me refiro a conteúdos mais ligados (realmente) com os interesses do ensino público, além de mais conversas sobre currículos, processos de aprendizagem e políticas públicas da educação. As disciplinas de química da licenciatura são as mesmas das outras formações. Ou seja, temos que estudar - e "perder tempo" - uma grande quantidade de conteúdos (desnecessários para a prática do ensino de química) e com aulas totalmente voltadas a indústria e pesquisa - nunca para a licenciatura. Então a resposta para a pergunta é "sim", "talvez" e "não", dependendo do ponto de vista e das pretensões e expectativas que se tem da futura ocupação.”

No entanto, outros 11 que responderam positivamente a questão concordam que as disciplinas são aprofundadas o suficiente e assim eles sentem-se preparados para o exercício

da profissão docente. A seguir é possível ler três respostas e nessas podemos observar o alto grau de satisfação destes alunos com as disciplinas e com o curso.

“O curso é excelente, professores dedicados, está ajudando muito na minha profissão.”.

“Sim. As disciplinas focadas no ensino de química apontam diversas ferramentas que podem ser utilizadas em sala de aula”.

“Sim, pois o curso é muito bem estruturado”.

Mas, nas respostas enviadas, observamos a existência de alunos satisfeitos e que apresentam pontos nos quais poderia haver melhorias. E isso é interessante para a reflexão pois muitas vezes, ao sentir insatisfação com um detalhe ou uma disciplina, generaliza-se este sentimento ao todo. Nada é completamente bom nem completamente ruim e ver sob duas perspectivas torna possível enxergar argumentos que antes não haviam sido vistos. Isso está presente nas respostas a seguir.

“Sim relacionado a questões pedagógicas, acho que a parte das humanas está bem estruturada para Licenciatura, mas as cadeiras específicas não parecem que tem alguma relação com licenciatura, como são cadeiras que são compartilhadas por vários cursos, não há a mínima preocupação com o este enfoque”.

“Sim e não. Sim, porque as cadeiras de educação são muito boas e auxiliam bastante. E não porque cadeiras como a física 2 (eletromagnetismo) não me ensina nada a não ser deduzir uma fórmula que não ensinarei aos meus alunos”.

“Em partes, algumas cadeiras da educação são contraditórias. Os professores que deveriam ensinar a docência não são bons professores”.

“Parcialmente. Pessoalmente percebi muitas deficiências relacionadas aos saberes pedagógicos e à transposição didática dos conteúdos quando iniciei o primeiro estágio. Acredito que, como o curso tem 3 estágios obrigatórios, essa deficiência diminui consideravelmente. É essencial que os professores orientadores dos estágios participem e estimulem as reflexões necessárias para que possamos realizar uma autoavaliação crítica e melhorar nosso desempenho profissional”.

Lendo a opinião dos alunos, nesta questão, pude observar que a maioria dos estudantes que apresentam pontos no curso a serem aprimorados pedem a melhoria e reformulação das

disciplinas de educação. Como o enfoque desta habilitação é formar professores, precisaríamos de disciplinas mais estruturadas e interessantes voltadas à educação.

Seguindo esta linha questionamos: O curso atende/atendeu suas expectativas?

Expectativa, segundo o dicionário Aurélio, é o “*estado de quem espera algum acontecimento, baseando-se em probabilidades ou na possível efetivação deste*”. Então, como a própria palavra já diz, é algo que esperamos e essa espera muitas vezes não está baseada em fatos nem em situações, às vezes são apenas frutos de nossa imaginação. E isso é percebido nas respostas de alguns alunos, eles entraram pensando que o curso seria organizado de uma determinada forma, mas ao ingressarem na Universidade se depararam com uma realidade diferente:

“Não. Sempre tive muita ligação com as ciências no geral e desde muito cedo já sabia que queria algo relacionado à química. Mas diferente do incentivo que tive principalmente no ensino médio, em que a compreensão da natureza e dos fenômenos químicos e físicos tinham o objetivo de transforma-la, no curso eu vejo uma química sem conexão com a realidade. Há pouco espaço para reflexão e questionamento dos conteúdos abordados em aula”.

“Não. Eu pensava que aprenderia mais a ensinar química e não ficaria estudando a respeito de autores antigos que viveram em uma época completamente diferente, em uma sociedade completamente diferente. É importante estudar o passado e ideias de bons autores, mas é muito mais importante estudar química e como ensiná-la aos alunos que temos hoje. Estou cansada das discussões vazias e repetitivas que encontro em todas as aulas da faced”.

Alguns alunos pensaram, quando do ingresso na Universidade, que as disciplinas não seriam tão difíceis e os professores seriam mais participativos – ativos – no seu processo de formação. Essas respostas apresentam uma carga grande de frustração e ansiedade, criando barreiras/ separação entre discentes e professores.

“Em alguns pontos sim, mas o alto índice de reprovação a desistência de vários alunos contemporâneos mostra o quão frustrante é, não passar nas cadeiras. A culpabilização tão somente do aluno é preocupante, pois são vistas ações de aulas extras e afins, que alias nem sempre são em horários compatíveis com a disponibilidade do estudante. Mas a mudança da didática dos professores e do conteúdo programático em si (química geral) é mais que evidente que algo está errado, mas parece mais fácil culpar o aluno e o tão obvio fracasso do ensino médio”.

“Não pois é um curso muito difícil, que exige muito tempo disponível para estudos e realização de tarefas”.

“Não esperava que fosse tão difícil”.

“Nenhum pouco. O curso, atualmente, me parece ser feito para os professores: pra que se sintam bem, como deuses, jamais sejam contrariados. O curso e o instituto não olham para os alunos, apesar de jogar a culpa de reprovações e incompetência em cima dos mesmos”.

Para alguns alunos o maior ponto de quebra de expectativa está ligado à falta de acolhimento por parte de colegas e professores e o sentir-se bem em um local é um dos pressupostos para a permanência e o prazer de estar ali.

“Não. A química, enquanto ciência, me encanta e me dá forças para seguir em frente, mas o curso em si é desmotivante. Os motivos são a pressão e a cobrança excessiva por parte da grande maioria dos professores e a falta de acolhimento dos colegas (que se consideram superiores, que acham que os que têm mais dificuldade são "burros" e devem ir embora mesmo)”.

“Não. Não esperava um ensino de baixa qualidade, professores que não gostam de estar em sala de aula, ou, ensinar a estar em uma sala de aula. Falta didática por parte dos professores, faltam disciplinas e atividades realmente voltadas para o curso noturno. Falta disciplinas que sejam para licenciados e não para engenheiros (cursamos as mesmas disciplinas e somos exigidos da mesma maneira). Falta decência da parte de alguns professores (o que me deixou mais impressionada), muitas vezes somos humilhados e rebaixados”.

“Não, pois muitos professores não têm didática e tratam os alunos do noturno como se tivessem disponibilidade de estar 24h na UFRGS, não tem vontade de ajudar o aluno... Não facilitar e apoiar, pois muitas vezes quem trabalha precisa viajar, se ausentar por motivos profissionais e isso não é tratado de forma diferenciada, somos tratados como matadores de aula!!! Ano passado precisei faltar uma prova pois estava em um congresso apresentando trabalho na área de polímeros, e a professora deixou claro que ao faltar a prova estaria em exame, não me ofereceu nenhuma alternativa!!! Desisti da cadeira...”.

Entre os graduados observamos, também, quebra nas expectativas. Os alunos entram na Universidade com uma perspectiva da vida acadêmica diferente daquela encontrada por eles ao longo de sua graduação. Mesmo com o não atendimento das expectativas as respostas dadas por estes onze participantes foram divergentes, enquanto um não considera ter

alcançado as expectativas iniciais, devido a dificuldades ao longo das disciplinas iniciais do curso, outros sentem-se insatisfeitos com a relação entre as disciplinas de química e as de educação.

“Não. A Universidade sempre me deixou muito decepcionado com a sua postura frente ao curso. Normalmente os incentivos são para as áreas específicas, nunca para a Licenciatura”.

“Não. Há um descompasso com o que é oferecido ao discente no início do curso, com disciplinas extremamente difíceis e complicadas como Química Geral e Cálculo, com a expectativa criada ao se decidir seguir a profissão no Ensino Médio ou Cursinho Pré-Vestibular”.

“Não, tinha expectativas melhores no começo do curso. Durante o curso percebi que muitas disciplinas são bem mal dadas, professores arrogantes e sem acessibilidade em várias ocasiões, nível das provas (algumas vezes) incoerente com as aulas ou exercícios dados em aula pelos professores”.

Ainda na perspectiva de entender as percepções dos alunos com relação ao curso, perguntamos se em algum momento os pesquisados recomendariam o curso de Licenciatura em Química da UFRGS para outros jovens. Entre os graduados, 64% disseram que sim: estimulariam outros jovens à preparação para a carreira docente nesta Universidade e entre os discentes, em torno de 70% também recomendariam o curso. Para os graduados este estímulo está ligado a qualidade da UFRGS como Universidade e o quanto esta agrega conhecimento ao alunos, conforme é possível observar na resposta abaixo.

“Sim. Porque apesar das dificuldades mencionadas, é um dos melhores cursos disponíveis, com uma carga horária maior que a de outras universidades, mais completa e com mais disciplinas na área de educação; em uma instituição reconhecida nacional e internacionalmente. Apesar das dificuldades de acesso, pela localização, é uma universidade pública e esse fator é muito importante para os jovens de família com baixa renda.”

Entre aqueles que responderam não há um destaque ao não estímulo devido à carreira profissional do magistério. Para estes estudantes o principal motivo para não recomendarem a opção pela Licenciatura é a desvalorização desta profissão. E isso é percebido, também, no último concurso do Estado realizado para o preenchimento do quadro de professores das escolas estaduais do Rio Grande do Sul, no qual apenas três professores foram aprovados na disciplina de química na região de cobertura da 28º CRE, que abrange os municípios de

Viamão, Alvorada, Gravataí, Cachoeirinha e Glorinha, e esta é uma disciplina marcada pela falta de profissionais qualificados para exercer a titularidade de turmas.

“Estimularia a fazer licenciatura aquele que conhece as adversidades da profissão de professor, como baixos salários e condições desfavoráveis, em algumas redes de ensino públicas. Considero louvável e muito interessante a docência, mas infelizmente para mim ela acabou ficando em segundo plano, pois financeiramente não valeu a pena”.

“Não. Primeiramente pelo tempo investido, e retorno quanto a profissão. É precário, e muitos dos formados demoram muito tempo até se graduarem, com poucas chances de ingressarem no mercado de trabalho devido à desvalorização da profissão na Rede Pública. Porém acredito ser, dentre os cursos de química, o que possui maior caráter social e humano, com os outros cursos sendo extremamente alienantes e tecnicistas. Talvez indicasse a licenciatura para um estudante de bacharelado ou química industrial de maneira a expandir a mente do mesmo, porém não indicaria para nenhum estudante de Ensino Médio (a não ser que o mesmo possua uma afinidade muito grande com Química) cursar Licenciatura em Química”.

Os discentes apresentam uma fala mais incisiva ao dizer que não estimulariam, um dos alunos respondeu: *“Não, pois não tenho inimigos no momento”*, o que demonstra um desgosto enorme com relação a esta graduação e isso é preocupante. Porém a maioria revela uma insatisfação com a carreira docente, não recomendando este curso a outros jovens.

“Não por que o mercado não dá o retorno de toda a dedicação exercida ao longo do curso”.

“Não estímulo. Não vejo futuro no curso, nem pra mim nem pros outros”.

“Não, porque não vejo muito futuro em ser professor nesse país. Faço pois entrei como reingresso e vou aproveitar alguns créditos, mas não faria como opção de vida”.

“Não. Porque as cadeiras de física e cálculo e te exigem demais, demais, demais, para depois ganhar um salário mínimo e ter q aguentar a falta de respeito dos adolescentes de escola pública”.

Já os que disseram que estimulariam, o fariam apenas àqueles que realmente gostariam de ser professores, vemos isso na fala de um aluno, onde ele coloca a necessidade de ter vocação para o exercício desta profissão e isso é algo combatido nos bastidores das escolas, pois esta deve ser, progressivamente, vista como uma carreira profissional que precisa ser

valorizada como tal e não um trabalho por amor ou vocação, como a escolha por seguir uma vida destinada à religiosidade. Mas o ideal, para Teixeira²⁴, é uma união das duas ideias, pois um professor unicamente profissional poderia atribuir um caráter mecanicista à educação, enquanto uma visão vocacional tornaria o educador um ser que não necessitasse de formação.

No PARECER CNE/CES 1.303/2001¹⁶ dispõe, com relação à busca de informações, a expressão e a comunicação, sobre a necessidade de que o aluno da Licenciatura em Química seja capaz de expressar resultados e analisar dados e interpretar textos científicos, bem como saber comunicar resultados de forma escrita, oral e educacional, sendo necessário o oferecimento, por parte das Universidades, de disciplinas de língua portuguesa instrumental, através de atividades complementares, em atividades comuns a outros cursos. Reconhecendo a importância da valorização da escrita para a formação, questionamos os alunos se estes consideram necessário o desenvolvimento da habilidade de escrita ao longo do curso e também se as disciplinas cursadas têm ajudado no desenvolvimento desta habilidade. Para alguns discentes as disciplinas do Instituto de Química não desenvolvem esta habilidade, pois resumem-se a resolução de lista de exercícios e a realização de provas e isso pode ser percebido nas respostas transcritas a seguir.

“Não. Nem mesmo o raciocínio científico e filosófico da ciência são desenvolvidos, muito menos a habilidade de escrita. O curso se resume a reproduzir listas de exercícios, enquanto os laboratórios de pesquisa se prestam a acumular produção”.

“Não. São poucas as disciplinas que abrem espaço para outros métodos de avaliação que não a reprodução incansável de cálculos e provas que priorizam um método muito específico de aprendizado, ignorando as realidades e individualidades de cada um. É na faced ou em uma bolsa que há algum tempo pra se desenvolver a habilidade na escrita científica”.

Outros estudantes também atribuem o desenvolvimento desta habilidade à participação em bolsas de iniciação científica, pois neste momento são estimulados por seus orientadores a produzir material escrito sobre as pesquisas.

“Sim, através das bolsas de pesquisa”.

“Não. Esta habilidade é desenvolvida através de bolsas de iniciação científica, apenas. Isso porque as disciplinas não agregam escrita científica”.

Alguns alunos citaram trabalhos realizados ao longo de algumas disciplinas, através de relatórios e seminários, que auxiliaram no desenvolvimento da escrita, mas pontuaram a não

existência de um trabalho voltado ao aprendizado desta prática e sim apenas uma exigência da realização destes trabalhos.

“Não. Muitas disciplinas exigem entrega de relatórios, mas não exigem ou abordam escrita científica para isso. No final do curso, nas disciplinas de Educação em Química, a abordagem sobre esse assunto aparece um pouco mais, mas penso que o curso como um todo poderia abordar melhor esta questão, tendo em vista que precisamos para a escrita do TCC e demais documentos científicos ao longo da vida acadêmica”.

“Sim, pois em diversas disciplinas são solicitadas produções textuais”.

Tanto discentes como graduados sentiram, ao longo do curso, um déficit do desenvolvimento desta habilidade, que é fundamental para o exercício da docência, pois somos a todos os momentos solicitados para a escrita e leitura de textos para planejamento das aulas.

5 CONCLUSÃO

Os dados obtidos nesta pesquisa foram úteis para a reflexão sobre as condições estruturais, curriculares e pedagógicas oferecidas pela Universidade aos estudantes, bem como para ter uma ideia do perfil socioeconômico e as condições de moradia vivenciadas ao longo da formação acadêmica, a fim de entender os fatores que favorecem ou não a permanência do estudante no curso de Licenciatura em Química da UFRGS.

Os fatores usualmente considerados mais importantes para a garantia da permanência são os econômicos, por isso são inúmeros os trabalhos publicados com esta temática, principalmente quando o assunto são estudantes oriundos de escolas públicas. Assim, ao buscar o perfil socioeconômico dos estudantes, imaginava-se encontrar alunos empobrecidos e que recebessem algum auxílio financeiro oferecido pela Universidade, como a bolsa PRAE, mas não foi isso que aconteceu, pois a grande maioria dos alunos do curso não se enquadra nos critérios de recebimento deste auxílio, não sendo este um fator que possa dificultar ou facilitar a integralização dos créditos do curso.

A estrutura da Universidade, de acordo com os dados obtidos, pode ser considerada como um fator positivo para a permanência no curso, pois conforme os respondentes, a estrutura está adequada às necessidades dos estudantes.

O que ocasiona estranhamento e pode ser considerado como um fator desmotivante e passível de gerar desistências é a falta de relação entre o curso e o fazer docente, pois os estudantes relataram que as disciplinas de Química não costumam fazer referência entre os conteúdos estudados e a carreira docente, apenas as disciplinas de educação (tanto da Faculdade de Educação como as oferecidas pela Área de Educação Química) trazem a docência e a rotina das salas de aula para as rodas de discussão.

Outra dificuldade encontrada pelos pesquisados com relação ao curso de Licenciatura em Química e que pode desmotivar é o nível de exigência das disciplinas, fazendo com que o aluno fique retido principalmente nas etapas iniciais do curso

Alguns pontos importantes para uma análise mais completa ficaram de fora, principalmente devido ao pouco tempo para elaboração e realização desta pesquisa, como verificar a influência do PIBID para a manutenção de estudantes no curso, a matriz curricular, o auxílio de programas de apoio à graduação como o PAG, entre outros fatores que poderiam favorecer a permanência, bem como outros que dificultam este processo. E analisar estes fatores é de fundamental importância, principalmente nos dias atuais, nos quais o acesso tem

vido promovido para maior inserção de estudantes empobrecidos em Universidades Públicas, de forma a mantê-los com qualidade e bom rendimento neste nível de ensino.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ¹ BARBOSA, Rui. Carta aos Moços . 1999. Disponível em: <http://www.casaruibarbosa.gov.br/dados/DOC/artigos/rui_barbosa/FCRB_RuiBarbosa_Oracao_aos_mocos.pdf>. Acesso em: 17 de outubro de 2014.
- ² ARAÚJO, C. B. Z. M. A permanência de estudantes nos cursos de graduação no Brasil: uma categoria em construção. **Revista Temas em Educação**, João Pessoa, v. 22, n. 2, p. 25-43, jul./dez. 2013.
- ³ BRASIL. **Decreto 6.096/2007**. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2007/decreto/d6096.htm>. Acesso em 19 de setembro de 2014.
- ⁴ SILVEIRA, M. M. **A Assistência Estudantil no Ensino Superior: uma análise sobre as políticas de permanência das universidades federais brasileiras**. 2012. Dissertação (Mestrado em Política Social) - Centro de Ciências Jurídicas, Econômicas e Sociais, Universidade Católica de Pelotas, Pelotas, RS. 2012.
- ⁵ BRASIL. **Constituição da República dos Estados Unidos do Brasil de 1934**. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao34.htm>. Acesso em: 18 de setembro de 2014.
- ⁶ BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil 1988**. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm>. Acesso em 19 de setembro de 2014.
- ⁷ MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. Portaria Normativa Nº 39, De 12 De Dezembro De 2007. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/portaria_pnaes.pdf>. Acesso em: 05 de outubro de 2014.
- ⁸ BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional: Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996**. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/ldb.pdf>>. Acesso em 27 de setembro de 2014.
- ⁹ ZAGO, N. **Do acesso à permanência no ensino superior: percursos de estudantes universitários de camadas populares**. **Revista Brasileira Educação**, São Paulo, v. 11, n. 32, p. 226-237, ago. 2006.
- ¹⁰ SILVA, T. A. L.; FERREIRA, D. M. **Do acesso à permanência: um estudo sobre a inserção dos estudantes do Conexões de Saberes**. Disponível em: <http://www.ufpe.br/ce/images/Graduacao_pedagogia/pdf/2012.1/do%20acesso%20a%20permanencia%20um%20estudo%20sobre%20a%20insercao%20dos%20estudantes%20do%20conexoes%20de%20saberes.pdf>. Acesso em: 27 de setembro de 2014.
- ¹¹ ALVARENGA, C. F.; SALES, A. P. Desafios do ensino superior para estudantes de escola pública: um estudo na UFLA. **Revista Pensamento Contemporâneo em Administração**, Rio de Janeiro, v. 6, n. 1, p. 55-71, jan./mar. 2012.
- ¹² PEREIRA, S. C. S.; PASSOS, G. O. Desigualdade de acesso e permanência na universidade: trajetórias escolares de estudantes das classes populares. **Linguagens, Educação e Sociedade**, Teresina, ano12, n. 16, p. 19-32, jan./jun. 2007. Disponível em: <http://www.ufpi.br/subsiteFiles/ppged/arquivos/files/Revista/N%2016/art_2.pdf>. Acesso em 15 de setembro de 2014.

-
- ¹³ **PROGRAD. Programa de Apoio à Graduação.** Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/prograd/prograd-1/programas/programa-de-apoio-a-graduacao>>. Acesso em: 03 de outubro de 2014.
- ¹⁴ **STRACK, R. Projeto de Acompanhamento Longitudinal de formação acadêmica.** Disponível em: <<http://www.iq.ufrgs.br/graduacao/alfa/>>. Acesso em: 30 de setembro de 2014.
- ¹⁵ **PROGRAD/ UFRGS. Resolução nº 01.94.** Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/prograd/prograd-1/programas/Resolucao0194.pdf/view>>. Acesso em: 10 de outubro de 2014.
- ¹⁶ **CONSELHO NACIONAL DE EDUCAÇÃO. Parecer CNE/CES 1.303/2001.** Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/CES1303.pdf>>. Acesso em: 15 de outubro de 2014.
- ¹⁷ **CONSELHO NACIONAL DE EDUCAÇÃO. Resolução CNE/CP Nº 1, de 18 de Fevereiro de 2002.** Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/res1_2.pdf>. Acesso em: 15 de outubro de 2014.
- ¹⁸ **CONSELHO NACIONAL DE EDUCAÇÃO. Resolução CNE/CP 2, DE 19 de fevereiro de 2002.** Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/CP022002.pdf>>. Acesso em 15 de outubro de 2014.
- ¹⁹ **GÜNTHER, H. Como elaborar um questionário** (Série: Planejamento de Pesquisa nas Ciências Sociais, nº 1). Brasília, Distrito Federal: UnB, Laboratório de Psicologia Ambiental, 2003. Disponível em: <http://www.ic.unicamp.br/~wainer/cursos/2s2006/01_questionario.pdf>. Acesso em 31 de agosto de 2014.
- ²⁰ **CEPE/ UFRGS. Resolução-CEPE nº19/2011.** Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/cepe/legislacao/resolucao-no-19-2011-de-17-08-2011>>. Acesso em: 25 de setembro de 2014.
- ²¹ **NUNES, A. O.; SANTOS, A. G. D.; SOUZA, F. das C. S.; OLIVEIRA, V. R. C.** A história de sete mulheres na Química. 2008. Disponível em: <<http://docente.ifrn.edu.br/albinonunes/artigos-1/historia-de-sete-mulheres-na-quimica>>. Acesso em: 08 de outubro de 2014.
- ²² **SÁ, C. M.; ROSA, W. M. A história da feminização do magistério no Brasil: uma revisão bibliográfica.** Disponível em: <<http://www.sbhe.org.br/novo/congressos/cbhe3/Documentos/Coord/Eixo5/477.pdf>>. Acesso em: 21 de outubro de 2014.
- ²³ **BRASIL. Lei 10.098 de dezembro de 2000.** Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/110098.htm>. Acesso em: 28 de outubro de 2014.
- ²⁴ **TEIXEIRA, I. A. da S. Ser professor: vocação ou profissão?** (2012). Disponível em: <<http://www.portaleducacao.com.br/pedagogia/artigos/20165/ser-professor-vocacao-ou-profissao>> Acesso em: 31 de outubro de 2014

APÊNDICE

✚ Questionário enviado aos participantes da pesquisa.

1. Qual sua situação no curso?

- a. Já concluí.
- b. Ainda estou cursando.

PESQUISA PARA OS DISCENTES NO CURSO DE LICENCIATURA EM QUÍMICA.

2. Ano de ingresso:

3. Idade:

4. Sexo:

- a. Feminino.
- b. Masculino.

5. Você está na seriação correta do seu curso?

- a. Sim.
- b. Não, reprovei em alguma (s) disciplina (s).
- c. Não, devido a dificuldades encontradas nas disciplinas faço menos créditos por semestre que os recomendados.
- d. Não, pois como trabalho fica complicado cursar todas as disciplinas recomendadas para o semestre.
- e. Não, devido ao horário em que as disciplinas são disponibilizadas.
- f. Outro:

6. Em que turno realiza a maioria das disciplinas?

- a. Matutino.
- b. Vespertino.
- c. Misto (manhã, tarde e noite).
- d. Noturno.

7. Que faixa de horários você considera mais adequada para o turno da noite?

- a. Das 18h30min às 22h10min.
- b. Das 18h45min às 22h25min.
- c. Das 19h às 22h40min.
- d. Das 19h15min às 22h55min.

8. Você costuma cursar disciplinas no último horário da noite (20h30min)?

- a. Não, pois sair tarde do campus do vale é perigoso.
- b. Não, pois não tenho ônibus para voltar para casa.
- c. Sim, pois não tenho escolha.
- d. Sim, pois prefiro estudar a noite.
- e. Outro:

Avaliação da estrutura da Universidade (campus do vale).

As questões de 9 a 12 deverão ser respondidas numa escala de 1 a 5 sendo

1 = péssimo; 2 = ruim; 3 = bom; 4 = muito bom e 5 = ótimo

9. Laboratórios de aula:

Tamanho:

Organização:

Limpeza:

Vidrarias:

Reagentes:

10. Horário de funcionamento da biblioteca:

11. Salas de aula:

Tamanho:

Limpeza:

Recursos multimídia:

Iluminação:

12. Acessibilidade as salas de aula:

13. Qual sua opinião sobre a disponibilidade de linhas e horários de ônibus:*Obrigatória

- a. Não utilizo transporte coletivo.
- b. Ruim, pois preciso trocar de condução para chegar a meu destino.
- c. Ruim, pois a linha que utilizo tem poucos horários.
- d. Razoável.
- e. Estou satisfeito com as linhas e horários disponíveis.
- f. Outro:

14. Quanto tempo você leva para chegar ao campus do vale?

- a. Até trinta minutos.
- b. De trinta minutos a uma hora.
- c. Mais de uma hora.

15. Quanto o tempo de locomoção afeta seu rendimento no curso?

- a. Muito, pois perco bastante tempo para chegar à universidade.
- b. Pouco, pois moro próximo.
- c. Pouco, pois utilizo este tempo para estudar.
- d. Outro:

16. Qual sua situação de moradia hoje?

- a. Com seus pais/ responsáveis.
- b. Com cônjuge/ companheiro (a).
- c. Com familiares que moram na cidade.

- d. Sozinho em moradia alugada.
- e. Sozinho em residência própria.
- f. Divido casa/ apartamento com outro (s) estudante (s).
- g. Na casa do estudante.
- h. Outro:

17. Possui alguma atividade remunerada?

- a. Sim, emprego dentro da área da graduação (professor).
- b. Sim, emprego fora da área do curso.
- c. Sim, como bolsista na universidade.
- d. Não.
- e. Outro:

18. Como você vê a possibilidade de conciliar trabalho fora da universidade com o curso?

- a. Difícil, por causa dos horários das disciplinas.
- b. Complicado, devido à dificuldade do curso e à necessidade de tempo para estudar.
- c. Não vejo problema, pois o curso é noturno.
- d. É possível, mas exige disciplina e organização por parte do estudante.
- e. Outro:

19. Você possui alguma assistência financeira da universidade?

- a. Sim, esta ajuda é fundamental para que eu possa permanecer na universidade.
- b. Sim, mas não é definitiva para a minha permanência no curso.
- c. Não, pois não sabia da existência deste tipo de assistência.
- d. Não, pois não me enquadro nos critérios para recebimento da assistência financeira.
- e. Outro:

20. O que te motivou a optar pelo curso de Licenciatura em Química na UFRGS?

- a. Interesse pela profissão.
- b. Obtinha bom rendimento na área ao longo do ensino médio.
- c. Influência familiar.
- d. Facilidade de ingresso, devido a baixa procura no vestibular.
- e. Indecisão quanto a escolha de um curso ou carreira profissional.
- f. Outro:

21. O curso está fornecendo base suficiente para o exercício da profissão (professor de química)? Por quê?

22. O curso permite o desenvolvimento da habilidade de escrita científica ao longo das disciplinas cursadas? Por quê?

23. O curso corresponde às suas expectativas? Justifique.*Obrigatória

24. Você estimularia outro jovem a fazer o curso de Licenciatura em Química na UFRGS? Por quê?

PESQUISA PARA ALUNOS GRADUADOS NA LICENCIATURA EM QUÍMICA DA UFRGS.

2. Ano de ingresso na universidade:

3. Sexo:

4. Ano de conclusão do curso:

5. Idade:

6. Você concluiu o curso dentro da seriação correta?

- a. Sim.
- b. Não, pois reprovei em alguma (s) disciplina (s).
- c. Não, devido a dificuldade em algumas disciplinas me matriculava em menos créditos por semestre que os recomendados.
- d. Não, pois como trabalhava era complicado cursar todas as disciplinas.
- e. Não, devido aos horários em que as disciplinas eram ofertadas.
- f. Outro:

7. Em que turno você realizou a maioria das disciplinas?

- a. Matutino.
- b. Vespertino.
- c. Misto (manhã, tarde e noite).
- d. Noturno.

8. Qual faixa de horários você considera mais adequada para o turno da noite?

- a. Das 18h30min às 22h10min.
- b. Das 18h45min às 22h25min.
- c. Das 19h às 22h40min.
- d. Das 19h15min às 22h55min.

9. Você costumava cursar disciplinas no último horário da noite?

- a. Não, pois sair neste horário do campus do vale é perigoso.
- b. Não, pois não tinha ônibus para voltar para casa.
- c. Sim, pois precisava cursar as disciplinas no turno da noite.
- d. Sim, pois tinha preferência por cursar disciplinas a noite.
- e. Outro:

Avaliação da estrutura da Universidade (campus do vale):

As questões de 10 a 13 deverão ser respondidas numa escala de 1 a 5 sendo:

1 = péssimo; 2 = ruim; 3 = bom; 4 = muito bom e 5 = ótimo

10. Quanto aos laboratórios de aula:

Tamanho:

Organização:

Limpeza:

Vidrarias:

Reagentes:

11. Quanto ao horário de funcionamento da biblioteca:

12. Quando a estrutura das salas de aula:

Tamanho:

Limpeza:

Recursos multimídia:

Iluminação:

13. Quanto a acessibilidade às salas de aula:

14. Qual sua opinião sobre a disponibilidade de linhas e horários dos ônibus?

- a. Não utilizava transporte coletivo.
- b. Ruim, pois precisava trocar de condução para chegar ao meu destino.
- c. Ruim, pois a linha que eu costumava utilizar tinha poucos horários.
- d. Razoável.
- e. Estava satisfeito com as linhas e horários disponíveis.
- f. Outro:

15. Quanto tempo você levava para chegar ao campus do vale?

- a. Até trinta minutos.
- b. De trinta minutos a uma hora.
- c. Mais de uma hora.

16. Quanto o tempo de locomoção afetava seu rendimento no curso?

- a. Muito, pois perdia bastante tempo para chegar à universidade.
- b. Pouco, pois morava próximo.
- c. Pouco, pois utilizava este tempo para estudar.
- d. Outro:

17. Qual era a sua situação de moradia durante a maior parte do curso?

- a. Com seus pais/ responsáveis.
- b. Com cônjuge/ companheiro (a).
- c. Com familiares que moravam na cidade.
- d. Sozinho em moradia alugada.
- e. Sozinho em residência própria.
- f. Dividia casa/ apartamento com outro (s) estudante (s).
- g. Na casa do estudante.
- h. Outro:

18. Exercia, ao longo do curso, alguma atividade remunerada?

- a. Sim, trabalha na mesma área da graduação (professor de química).
- b. Sim, emprego fora da área da graduação.
- c. Sim, como bolsista na universidade.
- d. Não.
- e. Outro:

19. Como você vê a possibilidade de conciliar trabalho fora da universidade com o curso?

- a. Difícil, por causa dos horários em que as disciplinas eram ofertadas.
- b. Complicado, devido à dificuldade do curso e à necessidade de tempo para estudar.
- c. Não vejo problema, pois o curso é noturno.
- d. É possível, mas exige disciplina e organização por parte do estudante.
- e. Outro:

20. Durante a graduação você possuía alguma assistência financeira da universidade?
- Sim e esta ajuda era fundamental para que eu pudesse permanecer no curso.
 - Sim, mas este auxílio não era definitivo para a minha permanência.
 - Não, pois não tinha conhecimento de auxílios oferecidos pela universidade.
 - Não, pois não me enquadrava nos critérios para recebimento.
21. O que te motivou a optar pelo curso de Licenciatura em Química?
- Interesse pela profissão.
 - Obtinha bons resultados na área ao longo do ensino médio.
 - Influência familiar.
 - Facilidade de ingresso, devido a baixa procura no vestibular.
 - Indecisão quanto a escolha de um curso ou carreira profissional.
 - Outro:
22. Está atuando na área?
- Sim.
 - Não.
23. O curso forneceu base suficiente para o exercício da profissão (professor de química)? Por quê?
24. O curso permitiu o desenvolvimento da habilidade de escrita científica ao longo das disciplinas cursadas? Por quê?
25. O curso correspondeu as suas expectativas? Justifique.
26. Você estimularia outro jovem a fazer o curso de Licenciatura em Química na UFRGS? Por quê?